

PRIMEIROS PASSOS

PRI MEI ROS PASSOS

UM MANUAL DE INI CI AÇÃO À EDUCAÇÃO PARA OS
DI REI TOS HUMANOS

Primeiros Passos:

Um Manual de Iniciação à Educação para os Direitos Humanos

Este manual dirige-se a professores e a todos os que trabalham com grupos de jovens e que desejam introduzir a temática dos direitos humanos nas suas práticas educativas. Ele está concebido para ser uma introdução básica, com actividades específicas para crianças com menos idade ou mais velhas. Também contém conselhos sobre metodologia e ajuda para aqueles que querem ir mais longe neste tema. A abordagem dá mais ênfase ao lado prático do que ao teórico.

O manual foi escrito em resposta às necessidades expressas pelos membros da Amnistia Internacional e de outros activistas de Educação para os Direitos Humanos na região da Central e Oriental da Europa. Deste modo, o material foi adaptado ou especialmente escrito para esta região. Por favor lembre-se disso se usar estas actividades noutra região.

O manual não poderia ter sido escrito e produzido sem o duro trabalho de Nick Wilson e Branka Emersic.

Valiosos comentários foram feitos por Felisa Tibbitts, Nancy Flowers, Hugh Starkey, Jana Kviecniska, Corina Leca e Jana Ondrackova. Kerry Howard, Ulrike Zimmermann e Anna Henry passaram a limpo grande parte dos textos. São devidos agradecimentos especiais por algumas actividades ao Citizenship Foundation, William Kriedler e Thomas Lickona.

Pode fotocopiar, traduzir e adaptar este texto para seu uso próprio. Se viver na Europa, por favor confirme com o *Amnesty International Europe Program Regional Development Team*, com a morada abaixo indicada, antes de traduzir passagens que possam já estar disponíveis na sua língua e mande uma cópia completa da sua tradução / adaptação à *Team*, que poderá fornecer-lhe mais cópias em Inglês.

Dúvidas sobre o conteúdo do manual e o seu uso fora da Europa podem ser mandadas para:

Human Rights Education Team
Amnesty International International Secretariat
1 Easton St, London WC1X 8DJ
United Kingdom

Londres, Agosto 1996

Amnesty International Index Number: POL 32/04/95

CONTEÚDO

Primeira Parte: PRIMEIROS PASSOS

Esta parte contém:

- | | |
|------------------------------------------------------------|----------|
| * O que são os direitos humanos? | Página 1 |
| * O que é a Educação para os Direitos Humanos? | Página 5 |
| * Perguntas comuns sobre Educação para os Direitos Humanos | Página 8 |

CONTEÚDO

Segunda Parte: FERRAMENTAS

Esta parte contém:

- | | |
|-----------------------------------------------------------------------------|-----------|
| * Explorar o ambiente de direitos humanos na escola | Página 12 |
| * Como podem os direitos humanos ser parte do programa? | Página 20 |
| * Métodos de ensino úteis | Página 24 |
| * Como conceber as suas próprias actividades de ensino dos direitos humanos | Página 38 |
| * Avaliar as suas actividades de ensino dos direitos humanos | Página 41 |

CONTEÚDO

Terceira Parte: CRIANÇAS MAIS NOVAS

Esta parte contém:

- | | |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| * Começar – actividades introdutórias | Página 46 |
| * Tu e eu – actividades sobre a diversidade | Página 50 |
| * Quem, eu? – actividades sobre a responsabilidade | Página 65 |
| * Direitos pela Vida – actividades sobre a universalidade dos direitos | Página 71 |
| * O que é justo? – actividades sobre a justiça | Página 79 |
| * Os meus direitos / Os teus direitos – actividades sobre situações onde os direitos entram em conflito | Página 85 |
| * Acção! – levar os direitos humanos para fora da sala de aulas | Página 91 |

CONTEÚDO

Quarta Parte: CRIANÇAS MAIS VELHAS

Esta parte contém:

* Começar – actividades introdutórias	Página 96
* Viver juntos – actividades sobre o respeito	Página 102
* Quem, eu? – actividades sobre a responsabilidade	Página 109
* Direitos pela Vida – actividades sobre a universalidade dos direitos	Página 122
* O que é justo? – actividades sobre a justiça	Página 131
* Os meus direitos / Os teus direitos – actividades sobre situações onde os direitos entram em conflito	Página 138
* Acção! – levar os direitos humanos para fora da sala de aulas	Página 151

CONTEÚDO

Quinta Parte: DOCUMENTOS SOBRE OS DIREITOS HUMANOS

Esta parte contém:

* Declaração Universal dos Direitos Humanos	Página 157
* Versão Simplificada da Declaração Universal dos Direitos Humanos	Página 163
* Versão Simplificada da Convenção dos Direitos da Criança	Página 166
* Sumário dos Direitos da Convenção dos Direitos da Criança	Página 171

CONTEÚDO

Sexta Parte: PRÓXIMOS PASSOS

Esta parte contém:

* Construir uma Rede de Trabalho de Educação para os Direitos Humanos	Página 173
* Organizar um Workshop de Educação para os Direitos Humanos	Página 175
* Exemplo de um Workshop de Educação para os Direitos Humanos	Página 178
* Avaliar o seu Workshop de Educação para os Direitos Humanos	Página 183
* Organizações úteis	Página 186
* Possíveis fundadores	Página 189
* Livros úteis	Página 191

Primeira Parte: Primeiros Passos

Esta parte contém:

- * O que são os direitos humanos?
- * O que é a Educação para os Direitos Humanos?
- * Perguntas comuns sobre Educação para os Direitos Humanos

"Talvez todos nasçamos sabendo que temos direitos – só precisamos de ser lembrados"

Professor Romeno de E.D.H.

O que são os direitos humanos?

A história do desenvolvimento dos direitos humanos tem raízes em todos os grandes eventos do mundo e apoiou a luta pela liberdade e pela igualdade em todos os lugares. As bases dos direitos humanos – tal como o respeito pela vida e dignidade humanas – podem ser encontradas na maioria das religiões e filosofias.

- Os direitos humanos pertencem às pessoas simplesmente porque elas são humanas. Por esta razão eles são por vezes chamados de “direitos naturais”.
- Os direitos humanos não têm que ser comprados, ganhos ou herdados – eles são “inalienáveis”, ninguém tem o direito de privar outra pessoa deles, seja qual for a razão.
- Os padrões dos direitos humanos definem o que os governos têm que fazer pelos seus cidadãos, mas também o que não lhes podem fazer. Quando dizemos que cada pessoa tem direitos humanos, também dizemos que cada pessoa tem a responsabilidade de respeitar os direitos humanos dos outros.
- As pessoas têm direitos humanos mesmo que as leis dos seus países não os reconheçam ou protejam – por exemplo: quando havia escravatura nos Estados Unidos da América, os escravos ainda tinham direitos, só que estavam a ser violados.

Categorias de Direitos

Há muitas maneiras de pensarmos nos direitos humanos. Uma maneira comum é usar três categorias:

1. Direitos políticos e civis. São “orientados para a liberdade” e incluem os direitos à vida, liberdade e segurança do indivíduo; liberdade de tortura e escravidão; participação política; liberdade de opinião, expressão, pensamento, consciência e religião; liberdade de associação e reunião.
2. Direitos económicos e sociais. Estes são direitos “orientados para a segurança”, por exemplo: os direitos ao trabalho; educação; um padrão razoável de vida; comida; abrigo e cuidados de saúde.
3. Direitos ambientais, culturais e de desenvolvimento. Estes incluem os direitos a viver num ambiente limpo e protegido da destruição, e direitos ao desenvolvimento cultural, político e económico.

Seja qual for o modo de organizar os direitos humanos, eles são um pacote e são todos igualmente importantes como parte de um todo. Se um direito é ameaçado, todos os direitos são ameaçados.

Declaração Universal dos Direitos Humanos

A declaração maioritariamente aceite de direitos humanos em todo o mundo é a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH). A sua mensagem é o valor

inerente a todos os seres humanos. A Declaração foi unanimemente adoptada em 10 de Dezembro de 1948 pelas Nações Unidas (embora 8 nações se tenham obtido). Estabelece uma lista de direitos básicos para toda a gente, em todo o mundo, independentemente da sua raça, cor, sexo, língua, religião, opinião política, origem nacional ou social, propriedade ou estatuto de nascimento. Estabelece que os governos prometeram assegurar certos direitos, não só para os seus próprios cidadãos, mas também para pessoas noutros países. Por outras palavras, as fronteiras nacionais não são barreira para ajudar os outros a conseguirem assegurar os seus direitos. Desde 1948 que a Declaração Universal é o estandarte internacional dos direitos humanos. Em 1933, uma conferência mundial onde participaram 171 Estados, representando 99% da população mundial, reafirmou o seu compromisso com os direitos humanos.

Estatuto Legal

Apesar da DUDH ser uma inspiração para a maioria das leis internacionais de direitos humanos, ela própria não é um documento legalmente vinculador. No entanto, como declaração de princípios, ela tem bastante poder no mundo da opinião pública. Os seus princípios foram transferidos para a força legal na forma do *International Covenant on Civil and Political Rights* (ICCPR) e do *International Covenant on Economic, Social and Cultural Rights* (ICESCR). Os países que ratificaram estes Convénios comprometem-se a fazer leis nos seus próprios países que protejam estes direitos humanos. No entanto, metade dos países do mundo não ratificaram o ICCPR nem o ICESCR.

Também existem Instrumentos Regionais de Direitos Humanos inspirados pela DUDH, tais como o *African Charter on Human and People's Rights*, o *European Convention of Human Rights* e o *American Convention on Human Rights*. Muitos códigos legais nacionais também garantem os direitos humanos.

Primeiros Pensamentos sobre os Direitos

Para te ajudar a pensar sobre direitos humanos, escreve coisas que aches que deveriam ser direitos humanos. Se estás num grupo, faz isto individualmente e depois partilha as tuas ideias. Olha para a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) na Quinta Parte deste manual. Compara a tua lista de direitos humanos com a DUDH. Os direitos que colocaste na tua lista estão na Declaração Universal?

O Que é a Educação para os Direitos Humanos?

A Educação para os Direitos Humanos é a educação **para** e **sobre** direitos humanos. Por exemplo:

- Ensinar as pessoas sobre as leis internacionais ou sobre violações aos direitos humanos, tal como a tortura, é ensinar **sobre** direitos humanos.
- Ensinar as pessoas a respeitar e proteger os direitos é ensinar **para** os direitos humanos.

A educação dos direitos humanos é ajudar as pessoas a chegar ao ponto em que conseguem **compreender** os direitos humanos e onde **sentem** que eles são importantes e devem ser respeitados e defendidos.

Este manual pode ajudar a ensinar **sobre**, mas também **para** os direitos humanos. As actividades possibilitam que as crianças adquiram **CAPACIDADES, CONHECIMENTOS** e **ATITUDES** que lhes serão úteis no seu trabalho em prol de um mundo livre de violações aos direitos humanos. Estes aspectos estão tidos em conta em cada actividade por uma **METODOLOGIA** educacional participativa e interactiva. A metodologia participativa foi considerada pelos educadores para os direitos humanos como o caminho mais eficiente e poderoso para desenvolver as capacidades e atitudes, tal como o conhecimento, tanto nas crianças como nos adultos. O diagrama na página 7 pode ajudar a visualizar esta relação de capacidades, conhecimentos, atitudes e metodologia. (Ver também a página 38 para mais explicações sobre este modelo e conselhos sobre a criação e análise de actividades de ensino dos direitos humanos.

CAPACIDADES: Tais como ouvir os outros, fazer análises morais, cooperar, comunicar, resolver problemas e questionar o *status quo*. Estas capacidades ajudam as crianças a:

- analisar o mundo à sua volta
- compreender que os direitos humanos são um modo de melhorar as suas vidas e as vidas dos outros
- agir na protecção dos direitos humanos

CONHECIMENTO: Tal como o de saber que os documentos de direitos humanos existem, quais os direitos neles contidos e que esses direitos são inalienáveis e universalmente aplicáveis a todos os seres humanos. É saber também as consequências das violações de direitos humanos. Este tipo de conhecimento ajuda as crianças a protegerem os seus direitos e os dos outros.

ATITUDES: Agir de acordo com as ideias de que os direitos humanos são importantes, que a dignidade humana é inerente a todas as pessoas, que os direitos devem ser respeitados, que a cooperação é melhor do que o conflito, que somos responsáveis pelas nossas acções e que podemos melhorar o nosso mundo se o tentarmos. Estas atitudes ajudam as crianças no seu desenvolvimento moral e preparam-nas para uma participação positiva na sociedade.

METODOLOGIA: A metodologia participativa e interactiva envolve as crianças numa aprendizagem completa. Ao lado do seu professor elas tornam-se exploradoras activas do mundo à sua volta, em vez de receptoras passivas da sabedoria do professor. Esta metodologia é particularmente apropriada quando se trata de temas relativos aos direitos humanos, onde muitas vezes existem vários pontos de vista sobre um determinado assunto, em vez de uma resposta "correcta".

O Jogo dos Princípios:

A actividade seguinte pode ser bastante útil para te ajudar a pensar sobre os direitos. Ela funciona melhor num grupo. Cada grupo deve olhar para dez dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ver página 157). Por exemplo: um grupo poderá estudar os artigos 1, 4, 7, 10, 13, 16, 19, 22, 25, 28. Um segundo grupo poderá estudar os artigos 2, 5, 8, 11, 14, 17, 20, 23, 26, 29. E o terceiro grupo estudará os artigos 3, 6, 9, 12, 15, 18, 21, 24, 27, 30. Tenta identificar os princípios que os sustentam. Partilha os resultados com cada um dos grupos. Discute a importância destes princípios. Em que aspectos práticos mudaria o teu país se estes princípios fossem respeitados por todos? Por exemplo, como mudaria a participação nos governos locais? Os princípios que é possível identificar incluem:

Responsabilidade

Igualdade

Segurança

Justiça

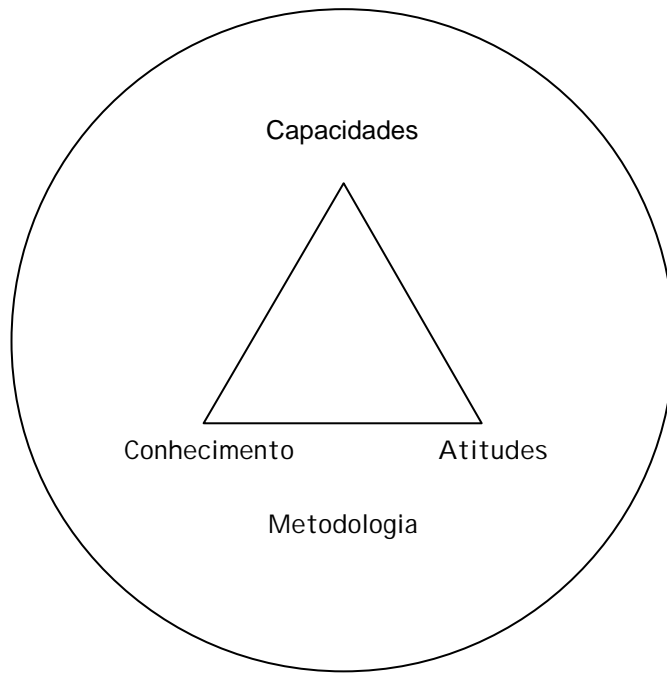
Tolerância

Identidade

Liberdade

Solidariedade

Paz



Factores envolvidos em todas as actividades de
Educação para os direitos humanos

Perguntas Comuns sobre Educação para os Direitos Humanos

As perguntas que se seguem são frequentemente feitas por professores que pensam incorporar os direitos humanos nas suas aulas. As respostas que aqui damos são curtas mas podem ajudá-lo em algumas das suas preocupações.

Pergunta: “Às crianças deve ser ensinada a responsabilidade, não os direitos.”

Resposta: Este manual dá uma importância igual aos direitos e à responsabilidade.

Pergunta: “Os tópicos dos direitos humanos podem assustar os jovens estudantes?”

Resposta: O ensino dos direitos humanos é positivo, não negativo, porque os estudantes aprendem sobre os seus direitos inerentes e sobre a importância da dignidade humana. Claro que dar aos estudantes somente informações sobre as violações dos direitos humanos não é suficiente e pode ser perturbador para as crianças. No entanto, ensinar direitos humanos é diferente porque, embora tenha que haver o conhecimento de que as coisas más acontecem, os estudantes adquirem a capacidade que necessitam para conseguirem fazer alguma coisa para o evitar, bem como a atitude de que lhes é possível agir de modo a alterar uma má situação.

Pergunta: “E se os meus alunos me fizerem uma pergunta à qual eu não sei responder?”

Resposta: Quando se trata de direitos humanos raramente as respostas são simples. Questões morais complexas não podem ser respondidas com sim ou não. Levantar dúvidas é mais importante do que dar a resposta “correcta”. Ao apresentar estes temas complexos às crianças, possibilitando que elas pensem neles, equipamo-las para melhor lidarem com tais problemas mais tarde na vida. A Segunda Parte deste manual explica os métodos de ensino que o podem ajudar a explorar tópicos de direitos humanos com os seus alunos, sem ter que dar uma resposta “correcta” a todas as perguntas.

Pergunta: “Qual é a finalidade da utilização de jogos?”

Resposta: Aprendemos e lembramo-nos melhor das coisas fazendo-as do que ouvindo falar sobre elas. Apesar das actividades deste manual serem divertidas, elas têm objectivos bastante sérios, normalmente a explicação de um conceito de direitos humanos. Estes objectivos são explicados no início de cada actividade. Ver também página 5.

Pergunta: “Não temos fotocopiadora nem material suficiente.”

Resposta: A maior parte das actividades deste manual estão concebidas de modo a não precisarem de materiais dispendiosos ou de fotocopiadora.

Pergunta: “Nós ensinamos Cidadania e Direito, não Direitos Humanos.”

Resposta: Na prática, as capacidades, conhecimentos e atitudes associadas aos direitos humanos podem ser ensinadas em muitas disciplinas diferentes. (Ver página 21)

Pergunta: “Também quero ensinar adultos.”

Resposta: Este manual foi feito para as escolas. Contudo, muitas das actividades podem ser usadas com adultos. A Segunda Parte contém ideias para desenvolver as suas próprias actividades e as organizações listadas na Quinta Parte podem aconselhá-lo sobre de como ensinar direitos humanos aos adultos.

Pergunta: “Pais, professores e o director do liceu dizem que ensinar direitos humanos é doutrinação política.”

Resposta: Os direitos humanos preparam os estudantes para participar na sociedade e na política do seu país. No entanto, é importante distinguir entre participação política e partidos políticos. Os professores têm a obrigação de não guiar os alunos para nenhuma ideologia ou partido político.

Pergunta: “Qual é a diferença entre Cidadania, Educação Moral, Educação Intercultural, Educação para a Paz e Resolução de Conflitos? Onde é que encaixa a Educação para os Direitos Humanos?”

Resposta: Todas estas disciplinas se ocupam de temas não muito diferentes, que se sobrepõem levemente (ver o Diagrama Um na página 10). Por exemplo, uma actividade sobre o respeito dos direitos dos outros pode ser usada em qualquer uma destas disciplinas, mas uma actividade que só lide com documentos de direitos humanos só poderia ser utilizada em educação para os direitos humanos. Contudo a mesma metodologia educacional activa e participativa é usada no ensino de todas estas disciplinas. Como podes ver no Diagrama Dois na página 10, esta metodologia sobrepõe-se quase completamente. O que é importante não esquecer é que todas estas disciplinas têm o mesmo objectivo: ajudar os alunos a desenvolver as capacidades, atitudes e conhecimentos de que precisarão para tomar decisões morais sobre e seu mundo e sobre o lugar que eles próprios nele ocupam.

(Esquema com círculos)

Cidadania / Educação para a Paz / Educação Multi-Cultural / Educação para os Direitos Humanos.

Diagrama Um: Todas estas disciplinas cobrem temas pouco diferentes, que se sobrepõem levemente.

(Esquema com círculos)

Diagrama Dois: Mas a sua metodologia sobrepõem-se quase completamente.

Segunda

Parte:

Ferramentas

Esta parte contém:

- * Explorar o ambiente de direitos humanos na escola
- * Como podem os direitos humanos ser parte do programa?
- * Métodos de ensino úteis
- * Como conceber as suas próprias actividades de ensino dos direitos humanos
- * Avaliar as suas actividades de ensino dos direitos humanos

"Não pode ensinar direitos humanos de uma maneira que seja contra os direitos humanos."

Professor Checo.

Explorar o Ambiente de Direitos Humanos na Escola

A compreensão dos direitos humanos é mais facilmente alcançada se os virmos em acção. Todos os dias, na escola, podemos ter essa experiência e assim reforçar o estudo formal de conceitos abstractos, tais como: liberdade, tolerância, justiça e verdade.

Contudo, muitas vezes as escolas desencorajam em vez de encorajarem os direitos humanos. Existem muitos preconceitos que negam os direitos humanos de muitas pessoas na escola. Por exemplo: se há alunos que chamam a outros estudantes, pertencentes a minorias religiosas ou étnicas, nomes ofensivos e os professores nada fazem para evitar a situação, isto leva aos outros alunos a mensagem que a intolerância é aceitável. Se queremos que a educação para os direitos humanos seja bem sucedida, é importante mudar este tipo de mensagens.

Por favor lê as perguntas seguintes e pensa na tua escola. O objectivo destas questões não é atacar a disciplina e a ordem da escola. Tentamos antes que o ensino para os direitos humanos se torne mais fácil, criando um clima de respeito por esses direitos em toda a escola.

Relações entre estudantes:

Existem casos de violência ou de humilhação, por exemplo, chamando nomes? Existem preconceitos contra os estudantes? Por exemplo: contra grupos religiosos, raparigas ou estudantes provenientes de minorias étnicas ou famílias refugiadas? Acontece alguma coisa quando os estudantes se queixam por terem sido violentados?

Relações entre professores e alunos:

É esperado que os estudantes obedeçam aos professores mesmo sem perceberem as suas ordens?

É dada voz aos estudantes no que respeita ao estabelecimento das regras de funcionamento da escola?

O sistema de avaliação é usado para impor disciplina ou para promover alguns à custa de muitos outros?

Os estudantes são humilhados pelos professores? A disciplina é humana?

Existe algum conselho de estudantes?

Quando é que os estudantes vêem o director da escola?

A porta do director da escola está aberta ou fechada?

O director da escola conhece os nomes dos alunos?

Os alunos são chamados pelos seus nomes próprios ou pelos nomes de família?

Todos os alunos são tratados de igual modo?

Existe uma associação de estudantes? Os estudantes são eleitos / seleccionados democraticamente para essa associação?

Relações entre professores e o director da escola:

Os professores têm medo de se queixarem ou de fazem sugestões ao director da escola?

Os professores de diferentes disciplinas alguma vez trabalham juntos para apresentarem um tema?

Partilham experiências de ensino entre si?

Os professores trabalham como uma equipa, de modo coordenado?

É dada voz aos professores no que respeita às decisões políticas da escola?

Os professores são todos tratados de modo igual?

A promoção é baseada no desempenho ou em considerações pessoais ou políticas?

Como são as relações entre os professores e as autoridades educativas?

Relações entre professores e pais:

Os pais têm medo de se queixarem aos professores quando não gostam do modo como as suas crianças são tratadas ou ensinadas?

Têm medo que as queixas tornem as coisas ainda mais difíceis para os seus filhos?

Os pais estão envolvidos no governo da escola? E funciona? De que maneira poderia melhorar?

Regras e procedimentos escolares:

Quais os valores promovidos pelas regras da escola? É esperado que os alunos sigam todas as regras para bem da obediência e da disciplina?

Existem regras que humilham os alunos, tal como terem que pedir permissão sempre que querem usar a casa de banho?

Os castigos são irrelevantes ou injustos?

As regras escolares são igualmente aplicadas a todos os alunos?

Os alunos podem ajudar a fazer as regras ou estas são-lhes impostas?

O ambiente físico:

As condições de vida no edifício da escola são saudáveis?

Existe um recreio?

Existem cortinas ou flores na sala de aula?

É pedido aos estudantes que tornem a sua sala de aula confortável?

Os desenhos, poemas e composições dos alunos estão expostos na parede? O trabalho menos conseguido também está exposto?

O material e equipamento escolar está disponível para todos os alunos, independentemente do seu sexo ou estatuto social?

Os alunos têm um lugar calmo e seguro onde podem deixar as suas coisas? Têm algum lugar onde possam ficar sozinhos?

O Que Pode Ser Feito para Melhorar o Ambiente de Direitos Humanos na Escola?

As perguntas da página anterior incidiam em alguns temas de direitos humanos na escola. Abaixo estão algumas sugestões específicas que podem ajudar a melhorar o ambiente de direitos humanos. Elas baseiam-se na ideia de que se os alunos forem chamados à responsabilidade de fazerem regras e de decidirem o que fazer se essas regras forem quebradas, é mais provável que eles respeitem essas regras.

Violência, conflitos e preconceitos entre os estudantes:

Professores e alunos podem trabalhar juntos para o desenvolvimento de uma política específica para lidar com essas situações. Por exemplo, eis alguns pontos que se podem seguir quando se depara com conflitos violentos:

- Parar com as agressões físicas ou verbais.
- Descobrir qual o verdadeiro problema falando com quem esteve envolvido no incidente e com quem o testemunhou.
- Permitir que os estudantes falem discretamente e garantir a segurança física dos alunos mais amedrontados.
- Pedir aos alunos sugestões que ajudem a resolver o conflito e que se preparem para contribuir com uma ou duas ideias.
- Discutir as alternativas na procura de uma solução justa.
- Definir uma linha de acção e segui-la até ao fim. Se a solução não estiver a funcionar ao fim de algum tempo, deve consultar-se os estudantes e tentar outra solução.
- A seguir ao incidente deve ser feita uma discussão, uma história, uma representação ou um trabalho artístico. Pode-se pedir aos alunos que façam comparações com incidentes similares.

Regras:

Se os estudantes acharem que algumas regras são desnecessárias, injustas ou sem razão de ser, porque não permitir que eles sugiram alterações? As regras na escola são necessárias para se queremos evitar a confusão e o caos, mas cada regra pode ser examinada para ver se ainda é justa ou válida. Os professores devem estar preparados para ceder às necessidades dos estudantes se a mudança de regras sugerida contribuir para o melhor funcionamento da escola. Deste modo os estudantes sentirão mais a necessidade de respeitar as regras.

Reuniões de turma:

(Adaptado de *Education for Character* de T. Lickona p. 149-151).

As reuniões de turma podem ser um importante primeiro passo para alterar o ambiente de direitos humanos na escola. As próximas três páginas fornecem um guia passo a passo para as iniciar. A primeira coisa a ter em conta é que levará algum tempo até que você e os seus alunos comecem a aprender gradualmente a gostar e a participar nas reuniões. Não se sinta desencorajado se a sua primeira tentativa não for um grande sucesso!

As reuniões de turma podem ser usadas para decidir o que será estudado a seguir, para resolver problemas das aulas ou simplesmente para que todos estejam juntos. Um efeito importante das reuniões é que ajudam as crianças a participar, uma capacidade vital para a protecção e defesa dos direitos humanos. Em baixo encontra-se uma lista de tipos de reuniões de turma. As questões que acompanham cada tipo podem ser feitas pelo professor, de modo a ajudar os alunos a participar. Contudo, para terem algum efeito, as reuniões de turma deverão ser um evento onde os estudantes se sintam seguros para partilhar os seus sentimentos. Para os encorajar, é uma boa ideia não *forçar* os estudantes a falar se eles não o quiserem – respeitar o seu direito a estarem silenciosos quando o desejarem, assim será mais fácil que eles falem numa reunião mais tarde.

Adapte as ideias das páginas seguintes para que se adaptem às idades dos seus alunos.

Tipos de Reuniões de Turma

- *Reunião das boas notícias:* Aqui faça perguntas como "Quem tem boas notícias que possa partilhar?"
- *Círculo:* Dê a volta ao círculo usando um dos "inícios de frase" abaixo. Todos podem escolher falar ou não falar. Depois de todos terem tido oportunidade para falar, o professor pode utilizar as contribuições individuais dos estudantes como ponto de partida para a discussão. Eis alguns exemplos de inícios de frases:
 - "Uma coisa de que gosto nesta turma..."
 - "Uma coisa que penso que poderia melhorar a nossa turma..."
 - "Uma decisão que penso que deveríamos fazer..."
 - "Pergunto-me porquê..."
 - "Preocupa-me que..."
 - "Quem me dera..."
- *Altura dos elogios:* Uma ou duas crianças são escolhidas, de seguida o professor deverá pedir aos restantes alunos que digam algo de que gostam ou admiram nessa pessoa.
- *Reunião de definição de objectivos:* Discutam os objectivos para a parte da manhã, para o dia, para a semana, para o programa de aulas, para o ano lectivo.
- *Reunião de definição de regras:* Aqui faça perguntas como: "De que regras precisamos para a nossa aula?", "E para irmos ao ginásio?", "E para irmos ao jardim zoológico?"
- *Reunião de avaliação de regras:* Peça aos alunos que escrevam e depois discutam as seguintes questões: "Quais são as regras da escola? Porque é que as temos? São boas regras? Se pudesses mudar uma regras, qual seria?... Alguma das regras de nossa aula precisa ser mudada para que tudo corra melhor?"
- *Avaliação:* Aqui faça perguntas como: "O que é que hoje correu melhor?", "Como poderemos tornar amanhã um dia ainda melhor?", "Como podemos fazer aquela actividade funcionar melhor da próxima vez?"

Continua...

Continuação...

- *Reflexões:* Aqui faça perguntas como "O que é que aprendeste com esta actividade (unidade, projecto, livro)?"
- *Apresentações de estudantes:* Um ou dois estudantes deverão apresentar uma parte do seu trabalho, tal como um projecto ou uma história.
- *Problemas:*
 - *Problemas individuais:* "Quem tem um problema que possamos ajudar a resolver?"
 - *Problemas de grupo:* "Qual o problema de turma sobre o qual deveríamos falar?"
 - *Queixas e recomendações:* Pode-se fazer uma queixa sobre um problema, mas também tem que se fazer uma sugestão de como remediar o caso.
 - *Reunião da justiça:* "Como podemos resolver este conflito de um modo justo para todos?"
- *Assuntos académicos:* Aqui faça questões como "Porque acham que precisamos estudar isto?", "O que é que vos poderá ajudar a fazer melhores trabalhos de casa?", "Como poderá ser o próximo teste?", "Como é que o último teste poderia ser melhorado?"
- *Reunião de melhoria das aulas:* Aqui faça perguntas como "Que mudanças poderiam melhorar a nossa sala de aulas?" Possibilidades: mudar a aparência física da sala, encontrar novas maneiras de trabalhar em conjunto, fazer novos jogos de aprendizagem, etc...
- *Reunião de continuidade:* Aqui faça perguntas como "De que forma está a resultar a solução / mudança que colocámos em prática? Há alguma maneira de fazê-la resultar melhor?"
- *Reunião de conceitos:* Aqui faça perguntas como "O que é um amigo? Como se faz um amigo?", "O que é a consciência? Como é que ela te ajuda?", "O que é uma mentira? Há alguma situação em que se deva mentir?", "O que é a confiança? Porque é que ela é importante?", "O que é a coragem? Como é que as pessoas a demonstram?"
- *Caixa de sugestões / caixa dos negócios da aula:* Quaisquer tópicos que os estudantes tenham escolhido para discussão.
- *Reunião sobre as reuniões:* Aqui faça perguntas como "De que é que gostaste mais nas nossas reuniões de turma? De que é que não gostaste? O que é que conquistámos? Como podemos melhorar as nossas reuniões?"

As boas reuniões de turma podem ser um instrumento poderoso para persuadir o director da escola a fazer reuniões com toda a escola ou concelhos escolares. Nos concelhos escolares, representantes eleitos de cada turma reunir-se-iam com os outros funcionários para sugerirem conselhos / ideias relativos aos problemas reais da escola. Sendo que os representantes estariam obrigados a defender os pontos de vista das respectivas turmas (que poderão ser decididos nas reuniões de turma), o concelho escolar pode ser um modelo verdadeiramente democrático na preparação dos estudantes para a participação numa sociedade democrática.

Uma estrutura clara das reuniões pode ajudar a estas sejam mais bem sucedidas. Em baixo sugerimos um modelo que pode adaptar sua situação.

Ideias para um modelo de reunião de turma:

- *Círculo:* Forme um círculo e peça aos estudantes para não fazerem barulho.
- *Decidir a agenda:* Defina o propósito da reunião e os diferentes assuntos a discutir.
- *Assentar as regras:* Estabelecer ou rever as regras para "falar e ouvir bem".
- *Dividir a turma em pares.*
- *Colocar o problema ou questão:* Por exemplo, "várias pessoas disserem que no recreio se chama muitos nomes. Por exemplo: "Judeu", "Cigano". O que podemos fazer para resolver esta situação?"
- *Conversa com o parceiro:* Faça com que os parceiros partilhem os seus pensamentos uns com os outros (3 a 5 minutos); vá andando pela sala e ajude os que sejam mais lentos a comunicar.

Continua...

Continuação...

- *Sinal do silêncio:* Estabeleça um sinal para parar a conversa entre os pares e preparar a discussão de todo o grupo.
- *Discussão do grupo completo:* Convide vários pares de alunos para partilhar as suas ideias com o restante; incentive as reacções a essas ideias; faça mais perguntas; se tal for apropriado, grave toda a acção e a chegada a acordo. Planeie o que fazer e defina uma hora para a reunião de continuidade.
- *Feche a reunião:* Aqui deverá dar a volta ao círculo em busca de comentários finais, fazendo um sumário do que aconteceu, perguntando aos estudantes do que é que eles se lembram melhor da reunião ou para eles a avaliarem.

Quando a turma se habituar às reuniões, os próprios alunos podem tomar responsabilidade pelas reuniões. Por exemplo, fazendo turnos na liderança das reuniões, fazendo sumários do que foi dito pelos outros ou tomando notas das conclusões obtidas.

Outra pista útil para aumentar a participação dos alunos nas reuniões é fazer-lhes uma pergunta e dar-lhes tempo para escreverem a resposta antes de lhes pedir que a partilhem com o resto do grupo.

Coisas para pensar:

Muitos professores chegaram à conclusão de que guiar os alunos e depois mudar o seu próprio comportamento é um passo importante na criação de um ambiente de direitos humanos na escola. Para se ajudar a si mesmo pode perguntar-se as questões que se seguem ou discuti-las com os seus colegas. Pode ser útil olhar para estas questões durante cerca de uma semana, durante a qual deve monitorar o seu próprio comportamento na sala de aula e pensar de que maneira o poderá melhorar.

- Trata todos os estudantes como indivíduos? Trata-os pelo seu nome próprio? Se sim, tem o cuidado de dizer os seus nomes correctamente?
- Usa o olhar e o contacto físico para assegurar os seus alunos da sua atenção e preocupação?
- Pedes desculpas sempre que se engana?
- Permite que os estudantes tomem decisões importantes? Por exemplo, sobre o que fazer a seguir, que livros ler, onde almoçar...?
- Encoraja bons hábitos auditivos? Por exemplo, quando os manda calar imita uma nota musical ou grita?
- Sorri nas aulas?

- Recompensa todo o grupo por algo que eles tenham feito bem em conjunto? Incentiva a cooperação, a afectividade e a paz ou apenas o bom trabalho académico?
- Rotula os alunos de bons ou maus?
- Tem receio da confusão e do barulho, mesmo quando é causado pelo trabalho dos estudantes?

Como podem os direitos humanos ser parte do programa?

Idealmente os direitos humanos deveriam fazer parte de todas as disciplinas escolares e deveria dotar os estudantes de uma experiência de aprendizagem completa. Contudo, porque as circunstâncias são diferentes em cada país e em cada região, os professores têm que utilizar diferentes táticas para adaptar os direitos humanos aos programas das disciplinas. Estas táticas podem ser colocadas em duas categorias:

- Começar a ensinar os direitos humanos ao "nível da raiz", da maneira que lhe for mais fácil, com a permissão do director da escola ou de alguém igualmente competente.
- Persuadir as autoridades locais ou nacionais a mudar o sistema desde o topo, de modo a que se consiga fundos e tempo para o ensino dos direitos humanos.

Muitas vezes, os professores combinam estas táticas começando com o "ensino de raiz" e usando depois os seus sucessos como prova, para que as autoridades mudem o sistema.

Programas da primária:

Nas escolas primárias, porque há uma menor pressão nos exames das crianças e no pessoal, e porque os professores geralmente ensinam várias disciplinas à mesma turma, os docentes acham que é relativamente fácil conseguir a permissão dos directores das escolas para o ensino dos direitos humanos de modo a envolver as várias disciplinas.

Programas do secundário:

Introduzir o ensino dos direitos humanos a este nível pode ser mais difícil. Muito depende da atitude do director da escola e das autoridades educativas, que muitas vezes se preocupam com o já sobrecarregado horário e com a necessidade dos estudantes se prepararem para exames mais importantes (especialmente no final do ano). A especialização das disciplinas e dos professores do ensino secundário também significa que a cooperação entre o pessoal é necessária para integrar os direitos humanos no programa.

No entanto, muitos professores têm tido sucesso na introdução do ensino dos direitos humanos neste nível das seguintes maneiras:

- Como uma disciplina opcional, depois das outras aulas, ou todas as semanas também nos “tempos livres”. Esta abordagem dá aos professores e aos estudantes a liberdade para explorar o ensino dos direitos humanos sem pressões, mas tem a desvantagem dos estudantes por vezes não levarem a sério as disciplinas que não são essenciais para os exames.
- Alguns professores começaram a ensinar os direitos humanos na disciplina em que são especialistas. Há ideias sobre como fazer isso nas próximas páginas. O ensino dos direitos humanos encaixa-se particularmente bem na Cidadania e em Direito, embora os professores salientem que é importante evitar apresentar os direitos humanos como uma disciplina académica que pouco tem a ver com a vida real.
- Alguns professores também planearam, junto com outros colegas, envolver os alunos em projectos para trabalhos (ver página 30) que envolvem várias disciplinas essenciais. Isto evita o perigo dos estudantes verem os direitos humanos como uma disciplina académica e ajuda-os a ver a relevância das disciplinas escolares para o mundo que os rodeia.

Idéias para ensinar os direitos humanos nas disciplinas essenciais

História

Quando se ensina história, os direitos humanos podem ser introduzidos em temas tradicionais desta disciplina. Aqui estão alguns exemplos:

- Documentos: Carta Magna (1215 Inglaterra)
Declaração de independência dos EUA (1776 USA)
A Declaração dos Direitos do Homem (1789)
- Eventos importantes: Guerra, escravatura, colonialismo, imperialismo e Nazismo, todos podem ser estudados com enfoque especial nas violações que fizeram dos direitos humanos. Também a história recente, por exemplo o apartheid, a opressão política na América Latina ou durante o Estalinismo, pode providenciar muito material para o estudo dos direitos humanos.
- O crescimento dos direitos humanos através da história: Por exemplo: as origens e o crescimento da organização e pensamento democrático, o desenvolvimento das Nações Unidas, o crescimento dos sindicatos.
- Figuras históricas: Anne Frank (Holanda)
Mahatma Gandhi (Índia)
Martin Luther King (EUA)
Adrei Sakharov (URSS)
Rigoberta Menchú (Guatemala)

O estudo de figuras conhecidas pode levar ao estudo de pessoas “desconhecidas” que viram os seus direitos serem violados ou que lutaram pelos direitos humanos e pela paz. Por exemplo: os escravos ao longo de toda a sua história, ou as pessoas vulgares, como parentes de estudantes cujos direitos foram violados pelas guerras deste século.

Geografia

A geografia urbana pode incluir problemas de pobreza nos maiores Estados do mundo e o modo como os direitos das pessoas pobres são afectados. A geografia económica pode estudar os efeitos do investimento e das trocas nos padrões de vida, ou a ligação entre a degradação ambiental e a falta de saúde. Os estudos de população podem incluir o exame de como são geradas a fome e a pobreza, e de como o racismo, o colonialismo e o tratamento das minorias e das mulheres tem afectado os direitos das populações.

Direito

Esta disciplina é uma boa oportunidade para ensinar os alunos acerca das responsabilidades, bem como dos direitos, inerentes a viver em paz. Por exemplo, o estudo da estrutura e dos processos de governação pode enfatizar o papel dos cidadãos individuais. Ensinar partindo de uma perspectiva de direitos humanos pode revelar-se especialmente útil se esta parte do programa se tiver anteriormente focalizado na obediência ao Estado. O dever da nação e dos seus cidadãos de suportarem as leis nacionais e internacionais contra a discriminação religiosa, sexual e racial também pode ser estudado. O modo como os direitos humanos são desenvolvidos, reconhecidos e transformados em leis também podem ser aqui examinados. Por exemplo, os alunos podem estudar o processo através do qual as mulheres ganharam gradualmente o direito ao voto.

Estudos sociais

Nesta disciplina, as desigualdades sociais e as suas causas podem ser examinadas. Por exemplo: xenofobia, pobreza, discriminação racial e religiosa e todos os mecanismos e estruturas sociais que combatem estas injustiças. Também se podem estudar as funções e responsabilidades da polícia, dos sindicatos, a educação e os *media*. Um estudo sobre como é que a sociedade lida com os desacordos pode ser particularmente útil para abordar temas relativos aos direitos humanos.

Literatura

Livros e poemas são uma fonte excelente para interessantes abordagens de violações ou lutas pelos direitos humanos. A literatura histórica é uma oportunidade para professores de História e de Literatura trabalharem juntos e assim tornarem o estudo dos direitos humanos mais intenso e colorido.

Eis alguns livros úteis:

[Animal Farm](#) / [Nineteen Eighty-Four](#) (George Orwell)

Brave New World (Aldous Huxley)

Cry, Beloved Country (Alan Paton)

The Diary of a Young Girl (Anne Frank)

One Day in the Life of Ivan Denisovitch (Aleksandr Solzhenitsyn)

Role of Thunder / Hear my Cry (Mildred D. Taylor)

Claro que também deverão existir obras relevantes relativas ao seu país.

Ciências

Os assuntos de saúde são uma boa maneira de introduzir os direitos humanos nesta disciplina. Por exemplo, os estudantes têm direito a cuidados de saúde, mas também têm a responsabilidade de respeitar a nossa própria saúde, bem como a das outras pessoas. Aqui há boas oportunidades para a partilha de informação entre vários departamentos. Por exemplo, uma lição de biologia que examine os mitos acerca da superioridade racial pode ajudar os estudantes a fazerem melhores julgamentos num estudo paralelo sobre o racismo na história.

Matemática

A estatística pode ser usada para esconder ou para revelar abusos aos direitos humanos. Os professores de matemática também podem ensinar aos estudantes como interpretar de maneira crítica os números que aparecem nos jornais.

Línguas estrangeiras

A aprendizagem de outras línguas pode ser usada para estudar temas interessantes e actuais relativos a outros países. Por exemplo: um pequeno texto sobre acções contra o racismo na Inglaterra pode ser usado para ensinar vocabulário Inglês. O objectivo seria ajudar os estudantes na compreensão dos direitos humanos de pessoas em todo o mundo, ao mesmo tempo que podiam aprender uma língua estrangeira. Se houver possibilidade, a literatura ou a imprensa do país em causa poderá ser uma boa ajuda neste estilo de ensino, mas não é essencial.

As aulas de línguas estrangeiras podem ser oportunidades para os estudantes falarem e discutirem. Todos se sentirão mais motivados a discutirem tópicos relativamente aos quais há várias opiniões diferentes. Questões de discriminação ou de igualdade entre os sexos são sempre bons temas de discussão. Os alunos também gostarão de representar papéis (ver página 24). As aulas de línguas são também uma oportunidade para os estudantes se corresponderem com estudantes de outros países. Podem fazer perguntas sobre sistemas políticos, questões sociais actuais, o tratamento de minorias e quaisquer outras questões relativas aos direitos humanos.

Métodos de ensino úteis

As actividades deste manual são baseadas em métodos explicados aqui. Elas são simples e com a prática tornam-se mais fáceis. Se estiver com receio de elas quebrarem o ritmo das suas aulas comece com um método simples. Poderá chegar à conclusão que desistir de algum do seu poder enquanto “o professor” ajudará os seus alunos a descontraírem-se, melhorando assim as suas contribuições.

Para cada método há uma pequena resposta à questão **O que é e porquê fazê-lo?**, depois vem uma explicação passo-a-passo sobre **Como fazê-lo**.

Uma peça é um pequeno drama representado pelos estudantes. A maior parte é improvisado. O seu objectivo é dar vida a circunstâncias ou eventos que são pouco familiares aos estudantes. As peças podem contribuir para melhorar a compreensão de uma situação e para encorajar alguma empatia em relação aos que estão nela envolvidos. Por exemplo, numa peça sobre um assalto os estudantes, representando o papel da vítima, passam a fazer uma ideia melhor do que é ser vítima de um crime.

Como fazê-las:

- Com os estudantes:
 - Identifique o tema que a peça ilustrará. Por exemplo: o direito à propriedade (Artigo 17 da DUDH, ver página 159).
 - Decida qual será a situação, o problema e quem serão as personagens. Por exemplo: se a turma está a estudar o direito à propriedade, podem pensar numa situação onde alguém esteja privado do seu apartamento, talvez por causa do grupo étnico a que pertence ou por falta de legislação.
- Com os alunos, decida quantos estudantes entrarão na peça, quantos serão observadores, se a peça dá para ser feita simultaneamente por grupos pequenos ou se funciona melhor sendo feita por toda a turma junta. Encoraje os estudantes mais envergonhados a participarem.
- Decida também como funcionará a peça. Por exemplo, poderá ser:
 - Contada como uma história, onde o narrador contextualiza as cenas e os outros estudantes contam o resto do evento do ponto de vista das “suas” personagens.
 - Um drama, onde as personagens interagem, inventando diálogos no próprio local.

- Um julgamento fictício, onde os estudantes fingem ser testemunhas que prestam depoimento num tribunal.
- Agora dê aos alunos alguns minutos para que possam pensar na situação e nos seus papéis. Se os móveis precisam de mudar de sitio para haver mais espaço, faça-o agora.
- Os alunos representam a peça.
- Durante a representação pode ser útil parar a acção num ponto critico para fazer perguntas, aos participantes e aos observadores, sobre o que está a acontecer. Por exemplo, numa peça sobre violência diga aos estudantes para pensarem numa maneira da situação se resolver pacificamente, depois peça aos participantes para representarem esses possíveis finais.
- Depois da peça é importante que os alunos pensem no que acabaram de fazer, para que esta não seja somente uma actividade mas também uma experiência de aprendizagem. Quando planear a peça assegure-se de que deixa algum tempo para no final sublinhar o propósito e os pontos mais importantes da actividade. Por exemplo: se a peça for um julgamento fictício com testemunhas, diga aos alunos para decidirem sobre o veredicto e como se chegou até ele, de modo a enfatizar os pontos que devem ser retidos.
- Se a peça correu mal, pergunte aos alunos de que modo a podem melhorar. Se correu bem, talvez possa ser representada para toda a escola, com uma explicação sobre o tema que tenta ilustrar.

Lembre-se

- Porque as peças imitam a vida real, podem-se levantar questões para as quais não há uma resposta simples. Por exemplo: sobre o comportamento correcto ou não de uma personagem simulada. Não dê a impressão de que há uma resposta para todas as questões, se tal não for a realidade. É muito importante que professores e alunos aceitem os diferentes pontos de vista como uma situação natural, normal. Os professores não devem impor as suas opiniões sobre assuntos controversos nem devem tentar chegar a um consenso a qualquer preço. No entanto, pode fazer um resumo dos pontos relativamente aos quais se chegou a acordo, deixando em aberto outros pontos mais susceptíveis de debate.
- As peças devem ser usadas com sensibilidade. O professor deve respeitar os sentimentos dos indivíduos e a estrutura social da turma. Por exemplo: uma peça sobre minorias étnicas deve ser abordada com cuidado se existirem minorias étnicas na turma, para que os estudantes que a elas pertencem não se sintam expostos ou marginalizados.

Pares e Grupos

O que é e porquê fazê-lo?:

Se dividir a turma em pares ou grupos os estudantes têm mais oportunidades para participar e cooperar. Os pares e grupos podem ser úteis para gerar muitas ideias e muito rapidamente ou para ajudar a turma a pensar em conceitos abstractos nos termos das suas próprias experiências. Por exemplo: se estiver a estudar o direito à vida, pode dar aos pares ou grupos cinco minutos para decidirem se “Há alguma situação em que se deva matar alguém?”, antes de regressar à discussão com toda a turma.

Como fazê-lo:

- Quando organizar os grupos, pergunte-se perguntas como: Quero dividir os alunos de acordo com as suas capacidades? Quero combinar os sexos? Quero que amigos trabalhem juntos? Por vezes os grupos podem ser escolhidos ao caso. Por exemplo: pela data de nascimento, pela primeira letra do nome ou outro critério pouco óbvio.
- Se as mesas e cadeiras estiverem fixadas no chão, os alunos podem formar grupos virando as suas cadeiras para ficarem de frente para os colegas que costumam estar atrás deles.
- Se um grupo estiver junto durante mais do que alguns minutos, pode ser necessário que haja um líder ou alguém que tire notas. O grupo deverá decidir quem fará melhor estas tarefas.
- Organize a turma: Explique a tarefa claramente. Sente os alunos em lugares onde se possam ver uns aos outros. Diga aos alunos e tempo que têm para a tarefa.
- Quando os pares ou grupos estão a trabalhar:
 - Não se intrometa mas mantenha-se disponível.
 - Não interrompa a menos que um grupo não tenha compreendido bem o que é suposto estar a fazer.
 - Divida a sua atenção pelos vários grupos.
 - Permita que as discussões de pares e grupos decorram, intervenha apenas se um grupo o pedir.
 - Muitas vezes os grupos precisam de encorajamento para continuarem a trabalhar.
 - É mais provável que os pares parem de trabalhar quando sentem que você se aproxima.
- Relatórios: Pode ser necessário que os alunos façam um relatório para comunicarem à turma. Isto pode implicar fazer um relatório sobre uma decisão, resumir uma discussão ou informar os outros sobre o modo como o grupo funcionou. Este tipo de abordagem pode ser muito útil tanto para o professor

como para a turma, já que pode ser utilizado no sentido de melhorar as técnicas do trabalho de grupo. Se os alunos tiverem que fazer relatórios, precisarão de o saber no início para destacarem alguém para esta tarefa.

- **Avaliação:** Pergunte aos estudantes se a actividade foi útil e o que a conseguiram aprender. Se a resposta for negativa, pergunte aos estudantes como é que eles organizariam a actividade. Use as ideias deles.

Tempestade Cerebral

O que é e como fazê-lo?:

A tempestade cerebral é uma maneira de encorajar a criatividade e gerar muitas ideias de modo rápido. Pode ser usada para resolver um problema específico ou para responder a uma questão. Por exemplo: a turma poderia iniciar um estudo sobre o direito à cidadania utilizando o método da tempestade cerebral para responder à questão “que razões achas que um governo poderia usar para retirar a cidadania a alguém?” Eis algumas ideias onde se pode usar a tempestade cerebral:

- Para encontrar a solução para um problema. Por exemplo: depois de um “incidente” que envolva um conflito entre estudantes, peça à turma que pense em possíveis soluções não-violentas.
- Para apresentar um novo tema. Peça aos alunos que digam tudo o que já sabem sobre esse tema. Esta é uma boa maneira para lhes despertar o interesse e descobrir o que eles já sabem.
- Como um rápido exercício criativo. Por exemplo: faça os alunos criarem fins possíveis para uma história inacabada.

Como fazê-lo:

- Decida qual o assunto a que vai aplicar o método da tempestade cerebral. Elabore uma pergunta que possa ter várias respostas diferentes. Escreva a resposta onde todos possam vê-la. Por exemplo: “De que formas podemos melhorar a nossa sala de aula?”
- Peça aos estudantes para contribuírem com as suas ideias. Escreva as ideias onde todos possam vê-las. Devem ser utilizadas palavras sozinhas ou pequenas frases.
- Diga aos estudantes que numa tempestade cerebral eles podem comentar as ideias uns dos outros até ao fim ou repetir ideias que já tenham sido referidas.
- Encoraje todos a contribuir, mas NÃO dê voltas à sala nem force os estudantes a pensarem numa ideia – é possível que isso iniba a sua criatividade.

- Não julgue as ideias ao mesmo tempo que as escreve. Se possível peça a um estudante para as escrever. Fale apenas nas suas ideias para se elas forem necessárias para encorajar os alunos.
- Se uma sugestão for pouco clara, peça ao seu autor para a clarificar ou clarifique-a você mesmo e *confirme se eles concordam com ela*.
- Escreva TODAS as novas sugestões. Muitas vezes as sugestões mais criativas e bizarras são também as mais úteis e interessantes!
- Pare a tempestade cerebral quando as ideias começarem a ficar esgotadas. AGORA pode fazer uma revisão de todas as sugestões, pedindo comentários.

Discussões com a Turma Toda

(Baseado no ensaio "Establishing Rules for Discussion" de Felisa Tibbitts)

O que é e porquê fazê-la?:

As discussões são uma boa oportunidade para o professor e os alunos descobrirem quais as suas ideias relativamente a assuntos de direitos humanos. Isto é muito importante para ensinar direitos humanos porque, para além de ficarem a saber os factos, os alunos precisam de explorar e analisar os problemas por eles mesmos. As discussões são também uma oportunidade para o ouvir e o falar "por turnos", bem como outras habilidades específicas do trabalho em grupo, importantes para que se respeite os direitos das outras pessoas.

Para que a discussão seja aberta, é importante que haja uma atmosfera de confiança e de respeito mútuo na sala de aula. Uma forma de ajudar a criar um ambiente "seguro" é fazer com que os estudantes desenvolvam Regras para Discussão". Esta tarefa deve ser feita no início do ano escolar, quando, normalmente, os padrões de comportamento são estabelecidos, no entanto, estas regras podem criadas em qualquer altura.

Como fazê-la:

- Pergunte aos seus alunos se eles desejam que a sala de aulas seja um lugar onde eles se sintam livres para se exprimirem e aprenderem através de discussão uns com os outros. (Tal pode ser feito mais facilmente depois de uma discussão difícil na aula).
- Sugira que pode ser possível à turma chegar a um entendimento comum relativamente às regras que definem quando ouvir e quando falar.

- Peça à turma para pensar em algumas normas que todos devam seguir durante as discussões na aula. Escreva todas as sugestões onde todos possam vê-las. (Para conselhos sobre tempestades cerebrais ver página 27).
- Depois dos estudantes terem utilizado a tempestade cerebral durante algum tempo, procure por sugestões que possam ser combinadas e peça à turma para as discutir e comentar. Se não foram sugeridos pela turma, você mesmo pode sugerir alguns dos seguintes princípios:
 - Ouvir a pessoa que está a falar
 - Só fala uma pessoa de cada vez
 - Levanta a mão se quiseres dizer alguma coisa
 - Não interrompas quem está a falar
 - Quando discordares com alguém, critica as suas ideias e não a pessoa em si.
 - Não rias enquanto alguém está a falar (a menos que tenham dito uma piada!)
 - Encoraje todos a participarem
- Sugira que a turma concorde consensualmente com obedecer às regras que foram listadas. Ficarão então com a responsabilidade de aplicarem as regras a eles mesmos e aos outros membros da turma. Se ocorrerem violações sérias, fale com os alunos para que se decida quais as consequências de quebrar as regras.
- Escreva a lista de modo atraente num pedaço de papel e pendure-o na parede da sala de aulas durante o resto do ano, para que possam ser utilizadas, acrescentadas ou alteradas conforme o necessário.
(Para um processo similar mas relativo a regras para as aulas em geral, ver página 104).

Questionar

O que é e porque fazê-lo?:

Claro que todos os professores já usam questões todos os dias, mas que tipo de questões são? Muitas vezes são perguntas como “o que é que eu acabei de dizer?”, que são usadas para controlar a turma ou para ridicularizar os estudantes. Outras questões muito usadas são as chamadas perguntas “fechadas”. Só têm uma resposta correcta e são utilizadas para testar os conhecimentos. Muitas das actividades deste manual usam as discussões das aulas para explorar assuntos de direitos humanos. Nestas discussões, as perguntas que fizer são muito importantes para encorajar a participação e a análise, mesmo com crianças muito novas.

Aqui estão alguns exemplos de questões “abertas” que poderá usar. Se as utilizar bastante, elas tornar-se-ão mais fáceis. O ponto chave a não esquecer é: “O que é que desejo desta discussão? Respostas de “sim ou não” ou um debate aberto e interessante?”

- Questões hipotéticas: "O que pensarias / farias se...?" Estas ajudam os estudantes a imaginar situações e simular pensamentos.
- Especular: "Como poderemos ajudar a resolver este problema?"
- Encorajar / apoiar: "Isto é interessante. O que é que aconteceu a seguir?" Isto apela às experiências e pontos de vista dos estudantes.
- Procurar opiniões: "O que achas ou pensas sobre...?" Assim os estudantes sentem que as suas opiniões são importantes e têm algum interesse para si.
- Pôr em causa: "Porque pensas isso?" Se esta questão for feita de maneira não-agressiva, pode ajudar os alunos a pensarem mais profundamente e a justificarem / analisarem as suas opiniões.
- Clarificar / resumir: "Tenho razão quando digo que tu pensas...?" Resumir o que um aluno disse e confirmar se o compreendeu ajudará os outros estudantes a pensarem se concordam com o que tem sido dito.
- Assegurar o consenso: "A maioria de nós concorda que...?" Estas perguntas podem provocar discussões ou podem ser feitas no final quando, utilizando questões como "Já acabámos aquela parte...?", pode com segurança avançar para o próximo tópico.

Finalmente, tente lembrar-se que deve evitar questões tendenciosas ou enganosas como: "X está correcto, não está?". Isto pode desencorajar a participação. Deve evitar-se fazer muitas perguntas de uma vez ou fazer questões ambíguas. E lembre-se: um aceno de cabeça ocasional, um sorriso ou apenas sentar-se ao mesmo nível que os alunos melhorará as respostas que receberá!

Projectos

(Baseado no conselho de Hugh Starkey)

O que é e como fazê-lo?:

Os projectos são a investigação independente de tópicos pelos estudantes durante um período extenso, finalizando num produto final. Os projectos são úteis para o ensino dos direitos humanos porque:

- Ajudam os estudantes a verem os elos entre disciplinas separadas e os seus estudos académicos e o mundo exterior.

- Ajuda os alunos a ganharem prática em auto-organizarem-se para a acção, planeando o seu tempo e trabalhando seguindo um horário.
- Permite que os estudantes controlem a sua própria aprendizagem, com a orientação do professor.
- Cria oportunidades de interacção entre os estudantes e destes com outras pessoas na comunidade fora da escola.
- Dá aos alunos prática na apresentação e defesa das suas conclusões e opiniões em público – uma importante capacidade na promoção dos direitos humanos.

Como fazê-lo:

Os projectos têm diferentes fases. Ao longo dessas fases o ênfase deve ser colocado em levar os estudantes a tomar responsabilidade pelo seu próprio estudo.

O tópico ou problema. Estes podem ser definidos pelo professor e apresentados à turma na forma de escolhas, ou podem ser directamente escolhidos pelos alunos, utilizando, por exemplo, o método da tempestade cerebral para que surjam ideias (ver página 27). Deve ter-se sempre uma pergunta directa sobre assuntos de interesse para os alunos. Por exemplo: “Os refugiados estrangeiros na nossa cidade são bem tratados?” ou “O que é que os nossos pais mais temem em relação às drogas?” A questão deve ser específica para evitar que os estudantes fiquem “perdidos” no assunto.

Como alternativa, o seu ponto de partida pode ser um certo tipo de actividade ou de equipamento que deseja que os estudantes usem durante o seu projecto. Por exemplo: um gravador de cassetes áudio.

Planeamento. Professores e estudantes deverão decidir quando o projecto deverá começar, o tempo que irá demorar, quais os recursos a utilizar, onde poderão ser encontrados, se os estudantes trabalharão sozinhos ou em grupos, se trabalharão nos mesmos tópicos ou em tópicos diferentes, etc. Os estudantes que não estão habituados a fazer pesquisa podem achar mais fácil trabalhar em grupo. É muito importante que se discuta nesta fase de que modo o projecto irá concluir (ver abaixo mais ideias sobre este assunto).

Investigação / acção. O trabalho em projectos ajuda a aperfeiçoar muitas capacidades muito rapidamente. Por exemplo: um projecto de investigação sobre o sistema de saúde local envolve visitas, entrevistas, leitura, fotografias, recolha de estatísticas e análise de dados. Um projecto criativo pode exigir conhecimentos técnicos, tais como trabalhar com uma câmara de vídeo, ou capacidades artísticas, como por exemplo a feitura de uma bandeira. Os melhores projectos combinam exigências académicas e sociais com exigências criativas, de modo a envolverem todas as capacidades dos alunos. O professor nesta fase pode ajudar respondendo a

questões e oferecendo conselhos, no entanto têm que ser eles os responsáveis pela feitura do trabalho.

O produto final. Poderá ser um relatório, um filme, uma exposição, uma cassete de áudio, uma palestra, um quadro, um poema... É uma boa ideia que o produto final abranja as diferentes fases do projecto e os sentimentos dos estudantes em relação ao tema que estiveram a tratar. Por exemplo: se alguns alunos fizerem um póster sobre o abuso do álcool na sua cidade, podem utilizar algumas fotografias suas no trabalho e escrever sobre como escolheram e criaram os seus desenhos.

O produto pode ser apresentado à turma ou a uma audiência mais numerosa. Por exemplo: um trabalho sobre a pobreza na zona onde habitam pode interessar o jornal local, ou as autoridades municipais podem querer saber os resultados relativos a estragos ambientais.

Avaliação. Porque os trabalhos são muitas vezes multi-disciplinares, é possível que vários professores façam a sua apreciação do trabalho final. A nota dada deverá reflectir as diversas capacidades usadas durante a feitura do trabalho, não se focalizando apenas nos critérios académicos.

“A sessão dos Sussurros”

O que é o porquê fazê-la?:

A “sessão de sussurros” pode ser usada para mudar o ritmo das aulas. Por exemplo: depois de uma longa apresentação pelo professor. É uma boa oportunidade para se falar em pares e em trios.

Como fazê-la:

Diga aos alunos que durante cinco minutos eles podem reagir ao que acabou de ser dito ou mostrado. Podem dizer o que sentem, o que pensam ou podem fazer perguntas uns aos outros sobre as coisas que não compreenderam. Depois da sessão de sussurros, pode pedir a grupos ou pares para partilharem as suas ideias ou dúvidas com a restante turma.

Desenhar

O que é e como fazê-lo?:

O desenho pode ser usado nas aulas para desenvolver: capacidades de observação e cooperação, a imaginação, sentimentos de empatia pelas pessoas desenhadas, ou para os colegas da turma se conhecerem melhor uns aos outros. Desenhar é útil quando se ensina direitos humanos porque o trabalho das aulas pode ser exposto na escola de

maneira a comunicar o valor dos direitos humanos aos outros estudantes. Algumas ideias para desenhos são mostradas abaixo.

Como fazê-lo:

- Recolhe imagens, desenhos e fotografias sobre diferentes temas, de jornais, revistas, livros...
- Peça aos estudantes para trabalharem em pares. Dê a todos os estudantes uma imagem e alguns materiais para desenho. Diga aos alunos para não mostrarem a imagem que lhes foi destinada aos respectivos parceiros.
- Cada um descreve a sua imagem ao parceiro, que deve tentar desenhá-la a partir da descrição. Dez minutos depois os papéis devem ser trocados. Por causa dos limites de tempo, os desenhos têm que ser muito simples. O mais importante é a descrição, não o desenho. Finalmente todos devem comparar os seus desenhos com as imagens originais e verificar se algum item importante foi esquecido. Qual? Porquê?

Ou:

- Com outra turma, peça a cada estudante para desenhar o seu vizinho e para, ao mesmo tempo, lhe perguntar coisas sobre ele, como:
 - Que coisas gostas de fazer?
 - Até onde gostarias de viajar?
 - Qual é o teu sonho?

Peça a cada estudante para desenhar, à volta do retrato do vizinho, alguma coisa que represente as respostas a estas questões. (Para uma versão mais simples desta actividade, peça aos estudantes para escreverem o nome do seu vizinho, em vez de o desenharem. O resto da actividade deverá permanecer igual).

Nas escolas onde os alunos tenham lições de arte convencionais, pode haver oportunidades para criar pósteres ou trabalhos artísticos que expressem as suas preocupações ou os seus compromissos relativamente aos direitos humanos. (Ver página 91).

Imagens e Fotografias

O que é e como fazê-lo?:

As imagens e fotografias parecem iguais para todos os que as vêem, mas na verdade elas são interpretadas de diferentes maneiras, por isso podem ser utilizadas como demonstração de que todos nós vemos as coisas de modo diferente.

Como fazê-lo:

- Dê a cada par de estudantes uma imagem para eles olharem. Dê-lhes cinco minutos para escreverem todas as questões sobre a imagem. Peça-lhes para escolherem as quatro perguntas mais importantes. A imagem pode estar relacionada com um tópico que você, ou outro professor, esteja a ensinar.
- Agora peça aos pares para mostrar a sua imagem e as suas quatro perguntas mais importantes ao par vizinho. Dê-lhes dez minutos para trabalharem juntos na tentativa de encontrarem respostas para todas as questões. Peça-lhes para fazerem duas listas:
 1. As questões para as quais não conseguem arranjar resposta.
 2. Questões com uma resposta possível.
- Para as perguntas com uma resposta possível é importante que escrevam o PORQUÊ de terem escolhido essa resposta. Por exemplo: se pensarem que a criança na imagem é de um país frio, quais as pistas na fotografia que os levaram a chegar a esta decisão?
- Exponha todas as imagens, perguntas e respostas. Peça aos alunos para olharem para as imagens, perguntas e respostas uns dos outros e, se tal for necessário, acrescentar mais informação. Deixe um espaço onde os professores, os pais ou outros estudantes possam colocar os seus comentários e contribuir com as suas ideias sobre as imagens.

(Ver páginas 77 e 99 para mais actividades que envolvam fotografias.)

Cartoons e Bandas Desenhadas

O que são e como fazê-los?:

Os *cartoons* e as bandas desenhadas influenciam fortemente os jovens. Podem divertir e informar ou encorajar preconceitos ou estereótipos, e podem ser

utilizados nas aulas de diferentes maneiras. Por exemplo: pode preparar uma discussão sobre a violência nos media pedindo aos estudantes para contarem quantos episódios de violência ocorrem nos *cartoons* e bandas desenhadas dos jornais durante uma semana. Os *cartoons* desenhados pelos próprios estudantes também podem ser usados como modo de comunicar assuntos que dizem respeito aos direitos humanos ao resto da escola.

Como fazê-los:

- Retire *cartoons* / bandas desenhadas de jornais, revistas e anúncios relacionados com o tema em estudo. Por exemplo: violência, intolerância ou racismo. Peça aos alunos para os discutirem em grupos. Depois pergunte:
 - Qual a vossa primeira resposta emocional?
 - Qual é a mensagem do *cartoon* ou da banda desenhada?
 - As imagens são apropriadas para contar a história, exprimir um ponto de vista e fazer as pessoas pensarem sobre os assuntos?
 - Criticam uma ideia ou um grupo de pessoas?
 - Incluem estereótipos ou preconceitos relativamente a um grupo particular de pessoas, como as mulheres, grupos étnicos, refugiados, pessoas com deficiências?
 - São sérios, humorísticos ou irónicos? E como é que isso contribuiu para a mensagem?

Ou:

- Peça aos estudantes para escolherem um assunto ligado aos direitos humanos e para desenharem um *cartoon* ou uma tira de banda desenhada sobre ele. Diga-lhes para apresentarem esse tópico da maneira mais poderosa que consigam, para que os desenhos façam as pessoas pensarem nos assuntos.
- Exponha os resultados.

Vídeo

Organizações como o Conselho da Europa e a Amnistia Internacional têm produzido cassetes de vídeo para serem usadas nas aulas (ver página 200). Partes de noticiários

de TV, ou um documentário, também podem ser úteis. Aqui estão algumas sugestões a lembrar quando usar vídeos:

- Se os estudantes tratarem a informação que recebem dos vídeos, há maiores de se lembrarem dela. Por exemplo: podem usar a imaginação para escrever um diário do ponto de vista da personagem retratada no vídeo, ou usar o vídeo como base para uma discussão. Veja outros métodos de ensino nesta Parte do manual para ideias.

Jornais

O que é e porquê fazê-lo?:

Os media são essenciais para possibilitar a circulação de informação numa sociedade democrática. No entanto, por vezes encontramos reportagens subjectivas quanto ao uso de estereótipos e preconceitos. Identificar e analisar preconceitos em jornais prepara os estudantes para os identificarem e lutarem contra eles no seu quotidiano. Este tipo de actividade também melhora as capacidades de comunicação dos alunos.

Como fazê-lo:

Escolha um tema actual de direitos humanos que tenha vindo a receber muita atenção dos media, por exemplo: o tratamento de minorias. Como alternativa pode escolher uma tendência que esteja por detrás de várias histórias diferentes, como a intolerância.

- Divida a turma em grupos de quatro ou cinco elementos.
- Dê a cada grupo pelo menos uma história de jornais locais ou nacionais sobre o tópico escolhido. Se necessário, o mesmo tópico pode ser utilizado por todos os grupos. Reportagens de diferentes jornais sobre o mesmo acontecimento são boas para fazer comparações.
- Peça a cada grupo para discutir algumas questões da lista que se segue. Seleccione as perguntas apropriadas às reportagens que estão a ser usadas, ou então invente outras:
 - O título da reportagem sugere a sua perspectiva sobre o assunto?
 - Qual é a vossa primeira impressão da situação descrita? Alguém parece ser o culpado? Se sim, quem?
 - São feitas acusações directas a alguém? Se sim, liste-as.
 - É apresentada alguma prova que sustente as alegações?
 - A maior parte do artigo é em tom de crítica a alguém?
 - Que partes do artigo apoiam ou defendem alguém?
 - Existem citações das pessoas que são criticadas?

- Quais as palavras que pensas serem mais importantes para a formação da ideia com que tu ficaste da reportagem?
 - O ponto de vista das pessoas comuns sobre o tema vem retratado?
 - Qual é a atitude das pessoas com alguma autoridade? Por exemplo: trabalhadores sociais, polícia, etc...
- Este tipo de análise pode ser continuada de várias formas. Por exemplo: através de uma discussão mais alargada, se os alunos escreverem reportagens no seu próprio estilo-jornalístico ou pela comparação das coberturas que os jornais fazem de um assunto com as que são feitas pela televisão / radio.
 - Também pode pedir aos alunos para trazerem artigos ou histórias interessantes que tenham encontrado em jornais. Deste modo, pode ser formada uma colecção da turma, que se pode usar como base para discussões futuras. Os pais podem envolver-se nestas actividades ajudando os seus filhos a identificarem os artigos mais interessantes.

Entrevistar

O que é e porquê fazê-lo?:

Quando ensinamos direitos humanos podemos procurar as leis nos livros, mas em exemplos concretos de direitos em acção podemos olhar à nossa volta e nas nossas comunidades. Por exemplo: se a turma estiver a estudar os direitos da criança, os seus pais e avós serão uma importante fonte de informação sobre de que modo como as vidas das crianças têm vindo a mudar ao longo dos anos. As entrevistas são uma boa maneira de trazer a comunidade até à escola, de aproximar o estudo dos direitos humanos da vida real e também de melhorar o modo como os alunos lidam com os diferentes tipos de pessoas.

Como fazê-lo:

Ver na página 75 o exemplo para entrevistas de turma.

Associação de Palavras

O que é e porquê fazê-lo?:

Este método pode ser utilizado com uma turma quando se começar a falar de um tópico, para se descobrir o que eles já sabem sobre o assunto. No final servirá para se saber o que eles aprenderam.

Como fazê-lo:

- Escolha uma palavra chave relacionada com o assunto a estudar.

- Peça aos alunos para escreverem rapidamente outras palavras que lhes vêm à mente quando ouvem e referida palavra chave. Este exercício é muito breve, um minuto ou dois é suficiente.
- Esclareça que não escrever nada é também aceitável. O resultado é um “instantâneo” da extensão de vocabulário que os alunos associam com a palavra chave original.
- Para avaliar o processo de aprendizagem, faça-o “antes” e “depois” do resultado final. Isto pode ajudá-lo a avaliar o seu próprio ensino e os seus alunos podem ver os progressos que vão fazendo.
- Como alternativa, no fim de um tópico, peça a cada estudante para dizer numa palavra o que pensam ou sentem sobre esse tópico. Ou peça-lhes para dizerem uma palavra que esteja relacionada com o tópico. Depois de todos os alunos terem referido uma palavra, diga para um ou dois alunos fazerem uma lista com elas.

Recriar Informação

O que é e porquê fazê-lo?:

Uma boa maneira para interiorizar e compreender informação é recriá-la de outras formas. Por exemplo: ouvir uma história e recriá-la em imagens. Os alunos terão que identificar a parte mais importante da informação e decidir como recriá-la. O aluno tem que decidir, “Eu vou fazer isto desta forma porque...”.

Esta técnica ajuda a desenvolver a imaginação, bem como as capacidades de observação, selecção e raciocínio.

Como fazê-lo:

- Com os alunos escolha uma fonte de informação, como: uma história, uma imagem, um poema, um *cartoon* ou um filme. Por exemplo: se a turma está a estudar o direito de estar com a sua família, pode ser usada uma fotografia de uma criança refugiada.
- Os alunos devem ler, ver ou ouvir cuidadosamente a versão original.
- Depois decidem que partes da história serão recriadas e explicam as suas escolhas. Se estiver a usar uma imagem, então eles deverão imaginar a história por detrás dessa imagem.
- Se quiserem adicionar coisas que não estavam no original, terão de explicar porquê.

- Serão os estudantes a produzir a nova versão.

Ideias para recriar informação:

- Uma “peça radiofónica”, gravada em cassete.
- Escrever um pequeno conto.
- Fazer uma pequena história numa tira de banda desenhada.
- Fazer um poema narrativo.
- Fazer uma pintura.
- Contar uma história à turma ou ao resto da escola.
- Fazer uma exposição na sala de aulas.

Como conceber as suas próprias actividades de ensino dos direitos humanos.

Cada actividade deste manual tem sugestões que o ajudarão a adaptá-la às suas próprias necessidades. Também pode querer conceber as suas próprias actividades completamente novas, baseadas em problemas de direitos humanos específicos do seu próprio país. Aqui está um modelo simples que o poderá ajudar.

Antes de ler as próximas páginas, volte a ler “O que é a Educação para os Direitos Humanos” na página 5, especialmente o diagrama sobre as capacidades, conhecimentos, atitudes e metodologia.

(Os conselhos desta página são baseados em discussões com a *Citizenship Foundation* e no ensaio “*Developing a Lesson*” de Felisa Tibbitts.)

1. Seleccione um tópico ou tema geral. O tópico pode ser retirado de um assunto recente (como as eleições locais), um tema que lhe interesse especialmente (tolerância) ou um assunto retirado do programa normal da disciplina.
2. Decida que CAPACIDADES, CONHECIMENTOS e ATITUDES quer que os seus alunos desenvolvam em torno desse tópico. Escreva-as (ver as caixas nas páginas 5 e 6 para ter mais ideias sobre capacidades, atitudes e conhecimentos.)
3. Escolha o seu MÉTODO de ensino ou os materiais nos quais quer basear a sua aula. Pode ajudar se se focalizar numa actividade central, em torno da qual a lição será construída. Esta actividade pode envolver actividades convencionais tais como a leitura de textos pelos alunos, responder a questões ou participar em discussões. Também podem fazer actividades convencionais como: um projecto de investigação, utilizar jornais, organizar um debate ou escrever um poema.
4. Faça um esquema das diferentes fases que farão parte da lição. A maior parte das actividades deste manual tem a seguinte estrutura:
 - Aquecimento, exercício de motivação (como questões abertas).
 - Tarefa concreta (feita individualmente ou em grupo)

- Discussão com todo o grupo (seguida de uma apresentação de um pequeno trabalho em grupo, se for apropriado)
 - Tarefas de acabamento e continuidade
5. Agora pense no conhecimento prévio que os alunos têm que ter. Pense também em como avaliará a actividade (ver página 183 para mais informação sobre avaliação). Lembre-se de calcular o tempo para cada parte da actividade.
 6. Agora retorne para a lista de objectivos original. Estão todos incluídos na sua preparação? Pense em tentar atingir um equilíbrio entre a discussão, o pensamento e a acção na sala de aulas.

Lição Experimental sobre Estereótipos

Objectivos / Pontos de Aprendizagem:

(Nota: pode fazê-lo em termos de capacidades, conhecimentos e atitudes, se o desejar - ver página 5)

- Os alunos devem distinguir entre generalizações e estereótipos
- Os alunos devem identificar exemplos de estereótipos nos media locais
- Os alunos devem desenvolver alguma sensibilidade relativamente àqueles grupos que são negativamente estereotipados

Conhecimentos pré-requeridos:

- Alguns conhecimentos sobre cultura, generalizações e estereótipos.

Do que precisará:

- Quadro ou grandes folhas de papel
- Jornais e revistas

Tempo: 45 minutos

Como fazê-lo:

- Introdução (10 minutos)

O professor assenta no quadro certas categorias de pessoas (idoso, rapariga, rapaz, deficiente) e pede aos estudantes para sugerirem palavras descritivas que definam esses grupos. Essas palavras devem ser escritas no quadro.

O professor faz um sumário destas perspectivas, procurando ligações entre categorias, e decide com os alunos se os atributos mencionados são positivos, negativos ou neutros.

O professor faz a distinção entre uma generalização e um estereotipo.

O professor pergunta aos alunos: "Onde acham que adquiriram estes pontos de vista?", "Da vossa experiência pessoal, dos media ou da família e amigos?"

- Trabalho de grupo (10 minutos)

O professor pede aos alunos para se dividirem em grupos de cinco ou seis. Pode ser dado a cada grupo um jornal e uma revista, ou os grupos podem escolher outros media, incluindo programas populares de televisão ou livros. Os alunos utilizam o material procurando por representações de certos grupos – tanto nos textos como nas imagens. O grupos podem ser os mesmos usados no início da introdução, ou podem acrescentar-se outros grupos que também costumem ser negativamente discriminados. Os estereótipos podem ser de natureza positiva, negativa ou neutral.

- Os grupos fazem a sua apresentação na aula (10 minutos)

- Discussão (10 minutos)

Peça a toda a turma para responder às seguintes questões: "Que semelhanças encontraram entre os grupos que são positivamente estereotipados?", "E naqueles que são negativamente estereotipados?"

O professor pode aproveitar a oportunidade para sublinhar que:

- Há generalizações contra alguns grupos que são negativas, a estas pode chamar-se preconceitos.
- As generalizações negativas relativamente a grupos inteiros de pessoas, muitas vezes não se baseiam em contactos pessoais de facto com o grupo.

- Conclusão (5 minutos)

"Quais são as fontes destes estereótipos?"

"Quais as conclusões que podemos tirar acerca das generalizações e dos estereótipos, partindo desta actividade?"

(Por exemplo: que muitas generalizações e estereótipos são encontrados na própria cultura, nos media, em opiniões de amigos e família. Esses estereótipos negativos são baseados no medo, os positivos baseiam-se na inveja.)

- Seguimento

Os estudantes podem escrever um pequeno trabalho sobre uma ocasião em que se sentiram estereotipados, de modo negativo ou positivo. Como é que eles se sentiram?

- Avaliação (ver página 183 para mais informação sobre como avaliar as suas actividades de direitos humanos).

O seu critério de avaliação para esta actividade poderá ser:

- como é que os estudantes individuais contribuíram para a discussão da turma
- como é que os estudantes individuais participaram / cooperaram no trabalho de grupo

- resultado do trabalho de grupo (nota de grupo)
- tarefa atribuída

- Adaptar a sua lição:

Seja um pouco flexível relativamente a como faz as suas actividades. Algumas partes da aula entusiasmarão mais os estudantes do que outras, e é bem possível que fique surpreendido ao descobrir que certas discussões ou fases da actividade são particularmente úteis para os alunos, pelo que demoram mais tempo. Uma actividade deve ser concebida como um acordeão – com partes individuais passíveis de se expandirem ou contraírem, dependendo das respostas e reacções dos estudantes. Após tentar a actividade, tire notas para si mesmo, para que a possa reajustar numa próxima vez.

Avaliar as suas actividades de ensino dos direitos humanos

A avaliação pode ser uma coisa que tem que fazer obrigatoriamente ou que escolhe fazer, dependendo de como o ensino para os direitos humanos é encarado na sua escola. Seja qual for o motivo, existem muitas boas razões para o fazer:

- É uma chance de provar a si mesmo que os seus esforços estão a dar resultado e valem a pena (ou para ver que eles não estão a dar resultado e que é tempo de os mudar).
- Dá credibilidade aos seus esforços junto das autoridades educativas.
- Dá às crianças a oportunidade para se darem conta dos seus próprios progressos.
- Pode contribuir para o processo de melhoramento da noção de responsabilidade pessoal que os alunos devem ter relativamente à sua aprendizagem.

Abaixo estão algumas ideias sobre avaliação nas aulas. Para ideias sobre avaliações em Workshops, ver página 183.

(Este conselho é baseado no livro "*Lesson Evaluation in the Human Rights Classroom*" de Felisa Tibbitts)

Os métodos académicos de avaliação (tais como marcar trabalhos sobre factos ocorridos), embora sejam úteis para avaliarem a parte do CONHECIMENTO do ensino dos direitos humanos (ver página 5), não são tão úteis para avaliar CAPACIDADES e ATITUDES.

É relativamente fácil levar um monte de trabalhos para casa para os avaliar, mas é difícil atentar no desenvolvimento de capacidades e atitudes numa sala com alunos atarefados, especialmente se eles estiverem a trabalhar em grupos pequenos. Isto levou os educadores para os direitos humanos a combinar as técnicas tradicionais de avaliação com novas técnicas concebidas para avaliar o sucesso dos aspectos relacionados com as capacidades e atitudes do seu ensino.

Como é que eu posso avaliar capacidades e atitudes?

Dar notas a capacidades e atitudes é mais fácil se:

- tiver critérios ou padrões (de preferência que tenham a concordância dos alunos) a partir dos quais pode avaliar o desempenho de cada aluno.
- pedir aos alunos para eles próprios avaliarem o seu comportamento.
- pedir aos alunos para avaliarem construtivamente o comportamento uns dos outros.

O envolvimento dos estudantes na sua própria avaliação e na dos seus colegas, tem a vantagem de encorajar os alunos a tomarem maior responsabilidade pelo seu comportamento. Contudo, alguns professores preocupam-se que um estudante, o professor e os outros estudantes dêem todos notas diferentes. Nestas circunstâncias, as diferenças podem ser discutidas e, se necessário, os parâmetros de avaliação podem ser reajustados.

É possível trabalhar com os alunos utilizando, por exemplo, a tempestade cerebral (ver página 27) para conseguir uma lista de critérios ou padrões para os trabalhos participativos. Aqui está um exemplo de uma dessas listas:

Capacidades para trabalhos de pequenos grupos¹

O estudante:

- Mantém em mente o objectivo e a tarefa.
- Coopera com os outros membros do grupo.
- Trabalha sem perturbar os outros.
- Age educadamente com todos os membros do grupo.
- Faz a parte que lhe cabe no trabalho.
- Ajuda a encontrar maneiras para melhorar o trabalho de grupo.

Também é possível avaliar as atitudes do mesmo modo. Por exemplo:

Avaliação de "mente-aberta"²

O estudante:

- Pensa em novas ideias e actividades.
- Tenta novas maneiras de fazer as coisas.
- Nas discussões põe os factos antes dos sentimentos.
- Muda as suas conclusões à luz de novos factos.

¹ Retirado de Michaelis, John U. (1988), "Social Studies for Children: a guide to basic instruction", 9ª edição (Englewood Cliffs: Prentice Hall, p. 388)

² Retirado de Michaelis, John U. (1988), "Social Studies for Children: a guide to basic instruction", 9ª edição (Englewood Cliffs: Prentice Hall, p. 388).

- Faz os seus julgamentos tentando ser justo para todos.
- Considera todos os lados de um problema.
- Reconhece estereótipos e preconceitos.

Para a auto-avaliação, pode ser usada uma lista similar. Por exemplo:

Avaliação do desenvolvimento de valores³

Que nota davas a ti mesmo nos itens aqui listados?

(A=muito bom, B=bom, C=OK, D=muito pobre)

- Respeito pelos outros.
- Interesse pelos outros.
- Ouvir os outros.
- Aplicação ao trabalho.
- Sensibilidade às necessidades dos outros.
- Julgar os outros com justiça.
- Cooperar com os outros.
- Pensar antes de agir.
- Ser honesto.
- Ajudar os outros.
- Admitir os erros.

Finalmente, aqui fica uma amostra de um sistema de atribuição de notas que inclui avaliação do trabalho de grupo, discussões e projectos conjuntos, bem como outros exercícios e testes tradicionais:

Plano para avaliar um período de aulas (12 semanas)

- Notas para cada actividade de grupo (uma por semana) baseadas em:
 - Participação (atribuídas individualmente – através da auto-avaliação e da avaliação dos outros estudantes)
 - Resultado de grupo (atribuídas ao grupo como um todo – definidas pelo professor)
- Testes escritos e trabalhos de casa (definidas pelo professor).
- Projecto de trabalho (um por período)
 - Notas atribuídas à concepção, execução e valor educativo para o estudante (são definidas pelo professor e pelos outros alunos, porque puderam assistir à apresentação oral).
 - Participação e contribuição para as discussões nas aulas (definidas pelo professor e pelos colegas).

³ Retirado de Michaelis, John U. (1988), “*Social Studies for Children: a guide to basic instruction*”, 10ª edição (Englewood Cliffs: Prentice Hall, p. 377).

Tal como com todos os aspectos de educação para os direitos humanos, depois de tentar este tipo de avaliação, terá as suas próprias ideias sobre como fazê-la especificamente para os seus alunos – estas páginas são apenas o ponto de partida para os seus próprios pensamentos.

Terceira

Parte:

Crianças Mais Novas

Esta parte contém:

- * Começar – actividades introdutórias.
- * Tu e eu – actividades sobre a diversidade.

- * Quem, eu? – actividades sobre a responsabilidade.

- * Direitos pela vida – actividades sobre a universalidade dos direitos.

- * O que é justo? – actividades sobre a justiça.

- * Os meus direitos / Os teus direitos . actividades sobre situações onde os direitos entram em conflito.

- * Acção! – Levar os direitos humanos para fora da sala de aulas.

“Eu não ensino aos meus alunos os seus direitos e responsabilidades – eles é que me ensinam a mim!”

Professor Moldávio.

Guia das actividades:

Para serem mais fáceis de usar, as actividades desta parte do manual têm todas o mesmo formato:

Título

Objectivo: Aqui e na breve introdução a cada grupo de actividades, é-lhe dita a utilidade do exercício.

Pontos de aprendizagem: Aqui estão os conceitos chave contidos na actividade. Mantenha-os em mente enquanto a faz.

O que é precisa: Aqui é-lhe dito o equipamento que precisará e como se deve preparar antes da aula.

Tempo: Os tempos que aqui aparecem são estimativas de quanto demorará fazer a actividade, por vezes com uma pequena discussão.

Como fazê-la: Esta parte explica a actividade passo-a-passo. Quando se utilizam métodos específicos, estes são explicados na Segunda Parte deste manual.

Questões: Na maioria das actividades são usadas perguntas abertas e uma discussão que ajude os estudantes a pensar sobre os problemas levantados pela actividade. Pode procurar conselhos sobre como usar perguntas abertas e discursos na segunda Parte deste manual.

Escolhas: Aqui oferecem-se sugestões para a continuação do trabalho relativo a um assunto. Algumas actividades têm ideias para serem adaptadas a outros grupos de idades. Outras têm ideias para acções de defesa dos direitos humanos.

Informações / Exemplos / Jogos de cartas:

Algumas actividades têm partes adicionais. Para evitar enganos, leia toda a actividade antes de a pôr em prática, e verifique se encontrou todos os itens listados no ponto "Do que precisa".

Começar – Actividades introdutórias

Porque diversas actividades nesta parte do manual se referem à Declaração Universal dos Direitos Humanos e à Convenção dos Direitos da Criança, aqui está uma actividade de “Caça ao Tesouro” para ajudar os seus alunos a familiarizarem-se com estes documentos. A actividade “Questionário Rápido” pode ser usada para testar os conhecimentos que as crianças têm sobre direitos.

Estas actividades são continuadas, para crianças mais velhas, na página 96.

Questionário Rápido

(Baseado numa actividade de David Shiman)

Objectivo: Este questionário é útil em qualquer fase de ensino dos direitos humanos. Se as crianças ainda não estudaram direitos humanos, é uma oportunidade para descobrir o que elas já sabem. Depois pode ser usada para verificar como o conhecimento vai crescendo ao longo do tempo. Também é muito útil para descobrir quais as preocupações e os interesses específicos que as crianças têm relativamente aos direitos humanos.

Pontos de aprendizagem:

- Já sabemos muito sobre direitos humanos.
- Às vezes, não existem respostas correctas quando discutimos direitos humanos.

O que é precisa: Perguntas para o questionário.

Tempo: Uma hora.

Como fazê-lo:

- Antes da aula, escreva as perguntas num papel ou no quadro, ou, quando os alunos chegarem, leia as perguntas e peça às crianças para as copiarem, sem lhes responderem.
- Agora peça às crianças para percorrerem a sala durante dez minutos, pedindo a diferentes pessoas para responderem a cada uma das questões. Quem responder a uma questão deve assinar a resposta. Deste modo, as crianças partilham a que

já sabem sobre direitos humanos. Como alternativa, peça às crianças para responderem sozinhas às questões.

- Leia as perguntas, pedindo às crianças as suas respostas. Escreva-as na parede. Pode haver várias respostas para uma questão. Encoraje as crianças a discutir as respostas enquanto você as escreve (pode ser-lhe útil o conselho sobre como fazer perguntas, na página 29).
- Provavelmente as crianças não serão capazes de responder a todas as perguntas. Para além disso, as suas respostas poderão ser pouco exactas. Por exemplo, podem não saber que também existe tortura nas democracias Ocidentais. Mas lembre-se que a finalidade do questionário é falar de temas relativos aos direitos humanos, não é conseguir dar respostas "correctas".
- As questões que levantem assuntos particularmente interessantes, podem formar a base de discussões futuras. Para ajuda nas discussões sobre direitos, ver página 28.
- Se não tiver muito tempo, selecione apenas algumas questões, concentrando-se nas mais relevantes para as crianças.

Perguntas:

Podes pensar...?

- Num direito humano?
- Num país onde os direitos humanos são violados?
- Num documento que defenda os direitos humanos?
- Num grupo que tenha sido perseguido no passado?
- Num país onde sejam negados direitos às pessoas por causa da sua raça?
- Num país onde sejam negados direitos às pessoas por causa da sua religião?
- Num país onde direitos de diferentes grupos estejam em conflito?
- Numa organização que lute pelos direitos humanos?
- Num filme ou livro sobre direitos?
- Num país onde as pessoas sejam torturadas?
- Num país onde a situação dos direitos humanos tenha melhorado?
- Num país onde é negado o direito à emigração?
- Num direito que te seja negado na escola?
- Num indivíduo que lute pelos direitos humanos?
- Num direito às vezes negado às mulheres?
- Num direito que todas as crianças devam ter?
- Num povo a quem seja negado o direito de estabelecer a sua própria nação?
- Num direito humano negado a algumas pessoas no teu país?
- Num direito que os teus país têm e tu não?
- Num direito teu que nunca tenha sido violado?
- Numa violação de direitos humanos que te preocupe pessoalmente?

Tu e eu – Actividades sobre a diversidade

Estas actividades são sobre diversidade – semelhanças e diferenças entre as pessoas. Elas estão concebidas para mostrar que todos somos diferentes, no entanto iguais. Algumas das actividades abordam o porquê das diferenças serem boas e importantes para nós, enquanto indivíduos com a nossa própria identidade. Outras actividades chamam atenção para as semelhanças que todos os seres humanos partilham – por exemplo: as nossas histórias de amor, ou a música. Outras ainda são sobre viver em conjunto, como comunidade. Estes são princípios básicos nos quais se baseiam os padrões formais de direitos humanos, como a Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Estas actividades são continuadas, para crianças mais velhas, na página 102.

Este sou eu

Objectivo: As crianças reforçam a sua identidade e aumentam a sua auto-estima através das actividades artísticas. As questões encorajam-nas a pensar positivamente nas diferenças entre as pessoas.

Pontos de aprendizagem:

- Somos todos diferentes mas partilhamos muitas semelhanças.
- Os direitos são baseados nas necessidades semelhantes de pessoas diferentes.

O que é preciso: O Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171). Uma folha de papel para cada criança, canetas, lápis de cor ou tintas.

Tempo: Uma hora.

Como fazê-lo:

- Escreva o nome de cada criança numa folha de papel, ou peça-lhes para serem eles mesmos a fazer isso.
- Diga-lhes para colorirem os seus nomes usando lápis de cor. Podem colorir o nome e desenhar o que quiserem à sua volta, como brinquedos, lugares, comida, etc...
- Sente-os em círculo e peça a cada criança para mostrar o seu nome e explicar os seus desenhos favoritos.

- Faça-lhes as questões abaixo de modo a que eles desenvolvam a consciência das suas semelhanças e diferenças.
- Exponha todo o trabalho na escola com um título como: "Estes somos nós".

Questões:

- O que é que aprendeste sobre as outras pessoas?
- Aprendeste alguma coisa sobre ti próprio?
- Como é que te sentiste ao ver o teu nome exposto?
- As nossas coisas favoritas são diferentes ou são as mesmas?
- Como seria se fôssemos todos iguais?

Escolhas:

- A turma pode olhar para o Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (na página 171). Que direitos mencionam as semelhanças entre as crianças? Que direitos mencionam as diferenças?
- Se o grupo for muito grande ou as crianças demasiado pequenas para se concentrarem por muito tempo, peça-lhes para falarem com um colega sobre o seu trabalho. Alguns minutos depois cada par pode mostrar os seus trabalhos a outro par.
- Crianças mais velhas ou adultos podem formar pares e sentarem-se um em frente do outro, de maneira a poderem desenhar o parceiro. Diga-lhes para falarem, descobrindo cada um quais os interesses do outro, a sua história, sonhos família, trabalho, etc., desenhando essas coisas em volta do retrato que fizeram da outra pessoa.
- Outra adaptação seria pedir aos alunos para se moverem pela sala ao som de música. Quando a música parar, têm que encontrar um parceiro e perguntar-lhe qualquer questão. Por exemplo: qual a tua cor ou prato preferido? Tens irmãos ou irmãs? Até onde gostarias de viajar? Recomeça a música e repita o processo até todas as crianças terem trocado as suas opiniões. No final faça perguntas parecidas às que estão listadas em cima.
- As crianças também poderão fazer esta actividade com as suas famílias e amigos adultos, explicando elas mesmas os pontos de aprendizagem. Os resultados deste trabalho poderão ser expostos dentro ou fora da escola.

Olhem para mim!

Objectivo: Sendo uma variação de "Este sou eu", esta actividade ajuda a completar as ideias das actividades de desenho na página 32. Aumenta a auto-estima das crianças, o que as torna mais tolerantes com os outros, respeitando os seus direitos. Esta actividade também apresenta ideias sobre como as crianças podem transformar a sala de aulas num lugar mais feliz, através das suas próprias actividades.

Ponto de aprendizagem:

- "Tratar os outros como gostarias que os outros te tratassem a ti."

O que é preciso: Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171), *FLIPCHARTS* (?), canetas, lápis de cor ou tintas.

Tempo: Uma hora.

Como fazê-lo:

- Diga às crianças para se dividirem em pares.
- Uma criança deita-se numa longa folha de papel.
- A outra criança desenha nesse papel os contornos do corpo da que está deitada. (esta é uma boa oportunidade para o desenvolvimento de vocabulário sobre as várias partes do corpo!)
- A criança desenhada deita-se no chão ao lado do desenho. A outra pode acrescentar detalhes ao esboço. Por exemplo: detalhes da cara, a cor do cabelo, a roupa, etc...
- Se os grupos forem de mais de duas crianças, podem trabalhar em partes diferentes do corpo, para completarem o retrato.
- Cada criança pode depois acabar o retrato do parceiro, explicando o que ele / ela descobriu sobre essa pessoa.
- Faça as perguntas listadas abaixo.
- As crianças podem levar os seus retratos para casa e colocá-los nos quadros.

Questões:

- A turma pode olhar para O Sumário dos Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171). Como é que as pessoas precisam de se ajudarem umas às outras para conseguirem alcançar estes direitos? (Por exemplo: preocupando-se com amigos ou família...).
- Como é que te sentis-te ao ser desenhado?
- Como é que te sentis-te a desenhar alguém?
- Todos precisam de ter alguém que se preocupe consigo – é um direito que todos temos. O que é que acontece quando as pessoas não recebem a atenção suficiente? (As crianças podem escrever uma história sobre uma altura em que se sentiram sozinhas)
- Se fosses para uma escola nova, como gostarias que as pessoas te tratassem?
- Podemos pensar em maneiras que assegurem que ninguém na nossa turma se sente só?

Escolhas:

- Toda a turma poderia desenhar a mesma criança, se achar que tal pode ser útil. Por exemplo, para fazer com que uma criança diferente se sinta parte da turma.
- A criança pode escolher ser desenhada com alguém que gostasse de ser, (um jogador de futebol, uma bailarina, um palhaço...)

- Se uma criança tiver chegado à turma ou se estiver de partida, esta actividade pode ser usada para assegurar que elas fazem parte da comunidade. (A uma criança que esteja de partida, podem desenhar-lhe no seu retrato todas as coisas de que ela precisará na sua nova vida: amor, amigos, sol, sorrisos).

Braços para cima!

Objectivo: Esta divertido jogo ajuda as crianças a desenvolver sentimentos de comunidade e a reconhecer que a diferença é necessária.

Ponto de aprendizagem:

- As diferenças são úteis e necessárias.

O que é preciso: Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171). Algo para vendiar os olhos.

Tempo: Meia hora.

Como fazê-lo:

- Peça às crianças para formarem um círculo. Peça um voluntário para ser vendado.
- Faça o voluntário dar algumas voltas sobre si mesmo e depois conduza-o a outra criança. Tocando no cabelo, na face, nas roupas, o voluntário tem que adivinhar quem é a outra criança.
- Para esta actividade tente ignorar os habituais grupos de amigos das crianças.
- Continue até todas as crianças terem sido identificadas.
- Agora pergunte-lhes as questões listadas abaixo, de maneira a desenvolver a consciência das suas semelhanças e diferenças.

Questões:

- Porque fazemos isso?
- Como soubeste quem era?
- E se alguém tivesse uma cor de olhos ou de pele diferente?
- E se existissem várias pessoas com nariz, cabelo e orelhas iguais?

Escolhas:

- A turma pode olhar para o Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171) e discutir a questão "Porque é que precisamos dos mesmos direitos se somos tão diferentes?"
- Esta actividade também pode ser usada para demonstrar como é ter-se alguma incapacidade, já que uma das crianças sentirá como é ser-se cego.
- Como um trabalho mais aprofundado (ver página 30) as crianças podem experimentar outras formas de incapacidades e depois fazerem um livro

escrevendo aquilo que sentiram e como gostariam de ter sido tratadas se fossem de facto deficientes.

- Como variação, use diferentes objectos, alimentos ou cheiros, para demonstrar como as aparências podem ser enganadoras.

Crianças de todo o mundo

Esta actividade com imagens ajuda a explorar as semelhanças entre as crianças do mundo independentemente da sua nacionalidade, género ou grupo étnico.

Pontos de aprendizagem:

- Todos somos diferentes mas partilhamos muitas semelhanças.
- Os direitos são baseados em necessidades semelhantes de pessoas diferentes.

O que é preciso:

- Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança na página 171.
- Fotos de crianças da zona onde moras e de todo o mundo. Escolha imagens que mostrem o maior número possível de alimentos, climas, tipos físicos e modos de vida diferentes. Estas podem ser recortadas de jornais e revistas.

Tempo: Uma hora.

Como fazê-lo:

- Junte todas as imagens.
- Peça às crianças para o ajudarem a agrupar as fotos de acordo com atributos óbvios. Por exemplo: rapazes e raparigas, cor de cabelo, novos e idosos, etc. Tente fazer um conjunto de imagens que leve à mistura de imagens de todo o mundo. Por exemplo: agrupe crianças que estejam a falar, a brincar, ou sejam mais novas ou mais velhas do que a média da turma.
- Faça as perguntas abaixo, de modo a alertar as crianças para as semelhanças entre as crianças que estão nas imagens.

Questões:

- O que havia de diferente?
- O que havia de igual nas crianças das imagens?
- Havia alguma coisa nas fotos que não reconhecesses?
- O que achas que as crianças das fotos não reconheceriam se cá viessem?
- Como gostarias de ser tratado se fosses à escola delas? Porquê?
- Imagina que algumas crianças das imagens vêm visitar a tua escola. O que dirias às crianças das outras turmas sobre como deveriam tratar os seus colegas visitantes de outros países?

Escolhas:

- As crianças poderiam escrever uma carta a uma das crianças das fotos, a contar-lhe coisas sobre a sua escola.
- Como projecto (ver página 30) pode ser possível à sua turma conseguir correspondentes⁴ do estrangeiro ou de outras partes do seu próprio país.
- As crianças poderiam também escrever e representar uma peça sobre alguém que vai para uma escola nova e que é tratado de forma gentil e de forma mais grosseira por parte dos diferentes estudantes da sua nova escola.

Jogos de Todo o Mundo

Objectivo: esta actividade com jogos ajuda as crianças a explorar as semelhanças entre as crianças de todo o mundo, independentemente da sua nacionalidade, género ou grupo étnico. Também serve para lhes apresentar a ideia de que há direitos que lhes são inerentes, incluindo o direito a brincar, que estão escritos na Convenção dos Direitos da Criança.

Pontos de aprendizagem:

- Somos todos diferentes mas partilhamos muitas semelhanças.
- Os direitos baseiam-se nas necessidades semelhantes de pessoas diferentes.

O que é preciso: Sumário dos Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171). Os exemplos de jogos na página seguinte e também da Convenção dos Direitos da Criança, na página 166.

Tempo: Cerca de Uma hora e meia.

Como fazê-lo:

- Explique que as crianças em todo o mundo têm jogos diferentes mas muito interessantes.
- Fale-lhes de jogos de diferentes países (se tiver um globo ou um atlas, mostre-lhes onde ficam esses países). Diga-lhes para brincarem a esses jogos. Há algumas ideias na página seguinte.
- Pergunte às crianças que jogo dos seus recomendariam a crianças de outros países, e depois deixe-as jogar a esse jogo.
- Se alguma criança pertencer a um grupo étnico diferente, pergunte-lhe se ela sabe de algum jogo próprio da sua cultura que vos possa explicar.
- Pergunte-lhes as questões listadas abaixo de maneira a alertar os alunos para as semelhanças entre as crianças de todo o mundo.

⁴ “Pen-Friends”.

Questões:

- Gostaste mais de um jogo do que dos outros? Porquê? O que é que faz um bom jogo?
- Os novos jogos seriam mais divertidos se já estivesses habituado a eles?
- Todas as crianças têm o direito de brincar. Este direito está escrito na Convenção dos Direitos da Criança. Porque achas que o brincar está especialmente mencionado neste documento?
- Seria possível ensinares os teus jogos a crianças de outros países, mesmo sem falares a sua língua? Como?

Escolhas:

- Esta actividade também pode ser feita usando canções de todo o mundo ou de diferentes partes do próprio país.
- Como forma de aprofundar o trabalho, as crianças podem fazer uma "coleção" de jogos retirados de livros, histórias ou das suas próprias famílias.
- As crianças podem ser divididas em dois grupos. Um grupo mostra aos outros um novo jogo, usando para isso a mímica. Depois trocam.

Exemplos de jogos:

Tapa os Ouvidos (Coreia).

Este jogo é um dos preferidos tanto das crianças como dos adultos. Ele pode ser jogado por um número ilimitado de pessoas.

- Os jogadores sentam-se formando um círculo. Um jogador é escolhido como líder e coloca as mãos a tapar os ouvidos.
- O jogador que está ao lado esquerdo do líder coloca a sua mão direita no seu ouvido direito. O jogador à direita do líder tem de pôr a sua mão esquerda a tapar o ouvido esquerdo. (Por outras palavras, os ouvidos mais perto do líder estão tapados).
- O líder retira as duas mãos dos ouvidos e aponta para outro jogador no círculo.
- O novo líder tapa também os ouvidos. De novo, os jogadores imediatamente ao lado direito e ao lado esquerdo do líder cobrem os ouvidos que ficam mais perto do líder. O novo líder aponta para outro jogador e o jogo deve continuar tão rápido quanto possível.
- Qualquer jogador que seja lento a tapar um ouvido, ou que faça qualquer erro, deverá sair do jogo. O vencedor é o último que ficar no jogo.

Quem é? (Chile).

Este jogo pode ser jogado por seis a trinta jogadores.

- Uma criança "é". Os jogadores colocam-se atrás da que "é" formando uma linha. A que "é" não deve ver quem está imediatamente atrás de si.
- Ele /ela dá lentamente nove passos para a frente, enquanto os outros jogadores trocam rapidamente de lugares. Um deles deve tomar o lugar directamente atrás do que "é".
- Os outros jogadores perguntam ao que "é": "Quem está atrás de ti?"
- O que "é" pode fazer três perguntas antes de adivinhar. Por exemplo: "É um rapaz ou uma rapariga?", "Ele/ela é alto/a ou baixo/a?", "Ele/ela tem a pele clara ou escura?"
- Os outros jogadores só devem responder uma palavra. O aluno que "é" terá então que adivinhar quem está atrás de si.
- Se o que "é" adivinhar correctamente, continuará à frente da fila. Se não conseguir adivinhar, um outro jogador tornar-se-á aquele que "é".

(Para mais jogos ver Canções, Jogos e Histórias de Todo o Mundo. Detalhes na página 193 deste manual).

Histórias de Todo o Mundo

Objectivo: Esta actividade usa histórias para ajudar os alunos a explorarem as semelhanças entre as crianças de todo o mundo, independentemente da nacionalidade, género ou raça.

Pontos de aprendizagem:

- Somos todos diferentes mas partilhamos muitas semelhanças.
- Os direitos baseiam-se nas necessidades semelhantes de pessoas diferentes.

O que é preciso:

- Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança na página 171.
- Exemplos de histórias das páginas 59 e 60.

Tempo: Cerca de uma hora.

Como fazê-lo:

- Explique que as crianças em todo o mundo ouvem histórias diferentes.
- Conte às crianças histórias de diferentes países (se tiver um globo ou um atlas vá mostrando onde ficam os países donde essas histórias são originárias). Existem algumas ideias na próxima página.
- Pergunte-lhes qual a história do seu país que mais gostam e que contariam a alguém que viesse de outras partes do mundo.
- Se algumas crianças pertencem a um grupo étnico específico, pergunte-lhes se sabem histórias da sua própria cultura que queiram contar. (Mas se não quiserem não os force).
- Pergunte-lhes as questões listadas abaixo de maneira a alertar os alunos para as semelhanças entre as crianças de todo o mundo.

Questões:

- De que história gostaste mais? Porquê? O que faz uma boa história?
- Porque é que as pessoas em todo o mundo contam histórias? Em que tipo de histórias pensamos nós?
- Porque fizemos isso?

Escolhas:

- “A sopa dos Pobres” e “Dividir o queijo” pode ser usado para demonstrar as consequências da desonestidade. Peça à turma para escrever as suas próprias histórias sobre desonestidade.
- Contos tradicionais do seu país podem ser úteis para o ensino dos direitos humanos. Por exemplo: histórias onde as crianças sofrem podem ser usadas com a Convenção Simplificada dos Direitos da Criança (ver página 171).

- As crianças podem também escrever as suas próprias histórias ou representar uma peça que ilustre um dos artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ver página 157).

Exemplos da histórias:

A Raposa e o Peru (Povo Índio EUA). O-way-way-ham-by-joh, que significa à muito, muito tempo, o Sr. Raposa saiu para a caça. Ele e a D. Raposa há muitos dias que viviam só de raízes, por isso ele tinha vontade de comer algo mais saboroso. Procurou durante muito tempo, até que se cansou. Mas, de repente deparou com um peru muito grande e gordo. Estava mesmo prestes a dar-lhe uma dentada quando o peru disse: "Espera raposa, estás doente? Peces tão pálido! Não queres fazer uma sesta? Tu deitas-te e dormes um pouco, enquanto eu vou a tua casa e digo à D. Raposa para me cozinhar para o teu jantar. Pobrezinho, tens um ar tão cansado!" Isto fez com que o Sr. Raposa se sentisse mesmo doente.

"Seria muito amável se fizesse isso, Sr. Peru".

Então o peru partiu em direcção à toca da raposa e o Sr. Raposa observou-o até o peru chamar à porta. Mais descansado, o Sr. raposa deitou-se debaixo de uma árvore, a dormir.

O peru bateu com força à porta.

"Quem está aí?" , perguntou a Sra. Raposa.

"Apenas um amigo com uma mensagem para si."

"Não quer entrar", perguntou a Sra. Raposa.

"Não, obrigado", respondeu o peru. "Estou com pressa. O Sr. Raposa só me pediu para passar por cá e lhe dizer que ele voltará em breve. Ele está com muita fome e quer que a Sra. lhe cozinhe algumas raízes para o seu jantar."

Depois o peru fugiu.

A Sra. raposa ficou atarefada a cozinhar raízes.

Logo chegou o Sr. Raposa a lambem os lábios. Estava todo contente por ir comer um delicioso peru ao jantar. A Sra. Raposa pôs a mesa e trouxe o jantar ao marido. Ele deu uma grande dentada e começou a mastigar.

"Este é o peru mais rijo que já comi", gritou. "Sabe mais a raízes do que a peru. Que se passa com ele?"

"Peru!", disse a Sra. Raposa. "Não tenho peru!" Isso são raízes! Alguém bateu à porta esta manhã. Ele disse-me que tu estavas com fome e que querias que eu te cozinhasse raízes para o jantar."

"Oh", resmungou o Sr. Raposa, "deve ter sido o peru!"

Continua...

Continuação dos exemplos de histórias...

Dividir o Queijo (Arquipélago de Cabo Verde). Dois gatos roubaram um queijo. Um queria dividi-lo. O outro não confiava nele, por isso disse-lhe: "Não, vamos chamar um macaco para o dividir entre nós dois!" O primeiro foi à procura de um macaco e pediu-lhe para ser o juiz. "Com certeza", disse o macaco.

Os gatos foram buscar uma faca e escalas. Mas, em vez de cortar o queijo ao meio, ele cortou um pedaço maior do que o outro. Depois pô-los numa escala. "Não fiz a divisão bem feita," disse ele. Então começou a comer o pedaço de queijo mais pesado. "Que estás a fazer?" gritaram os gatos.

"Estou a comer um bocado desta metade para que fique igual à outra." Rapidamente o pedaço que o macaco comia ficou mais pequeno do que o outro. Ele mudou e começou a comer o outro bocado.

Os gatos viram que daí a pouco todo o queijo estaria comido. Eles disseram: "Sr. Juiz, dê-nos o resto do queijo que nós próprios o dividimos."

"Oh, não," disse o macaco, "vocês podiam lutar por ele, e o rei dos animais viria atrás de mim." Então o macaco continuou a comer, primeiro um pedaço, depois o outro. Os gatos viram que não sobraria nada. Um gato voltou-se para o outro e disse, "nós mesmos é que deveríamos ter dividido o queijo."

Depois de ter comido todo o queijo, o macaco disse, "Vamo-nos todos em paz e não deixemos que os nossos interesses ceguem a nossa compreensão."

A Sopa dos Pobres (Sri Lanka). Sete *andiyas* (pedintes) vadios uma vez passaram a noite no mesmo abrigo. Concordaram em cozinhar um vulgar pote de *congee* (arroz cozido em água) para o seu jantar, devendo cada *andiya* pôr uma mão cheia de arroz no pote.

Um por um, cada *andiya* chegou-se perto do pote para lá deitar o arroz. Mas eles eram manhosos, e nenhum lá colocou um grão de arroz sequer. Cada *andiya* pensou que os outros lá poriam a prometida mão cheia de arroz. Quando o *congee* foi servido, cada *andiya* recebeu uma tigela cheia de água quente!

Vamos para as Estrelas

Objectivo: Este imaginativo projecto ajuda as crianças a pensar sobre as diferenças e as semelhanças entre os seres humanos.

Pontos de aprendizagem:

- As semelhanças entre os humanos são maiores do que as diferenças.
- Os direitos baseiam-se nas necessidades semelhantes de pessoas diferentes.

O que é preciso: Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171).

Tempo: Uma hora, mais trabalhos de casa.

Como fazê-lo:

- Peça às crianças para fingir que fazem parte de um projecto espacial muito importante. Diga-lhes para imaginarem que sinais espaciais confirmaram a existência vida inteligente. As Nações unidas decidiram mandar uma nave espacial na direcção dos sinais. Ela levará informações sobre a Terra. Pergunte-lhes o que mandariam na nave para informarem os seres inteligentes de outros planetas acerca dos seres humanos. As escolhas devem ajudar os seres inteligentes a compreenderem que todos os seres humanos em toda a Terra têm semelhanças e diferenças.
- Isto pode ser feito individualmente, permitindo que cada criança tenha a oportunidade de perguntar aos pais e a outros adultos o que fariam. Por exemplo: você mandaria música? Se sim, que tipo de música? E livros? Filmes? Fotografias? Modelos de pessoas? Se sim, de que tipo e como estariam vestidos?
- Como alternativa, os grupos podem tentar dar ideias.
- Com as crianças, veja as suas escolhas. Sugira coisas em que elas não tenham pensado. Por exemplo: as pessoas deficientes estão representadas?
- Faça às crianças as perguntas que se seguem, para as ajudar a pensar sobre semelhanças e diferenças.

Questões:

- Há mais diferenças ou mais semelhanças entre as pessoas de todo o mundo? O que pensarias se fosses um extra-terrestre a olhar lá de cima para a Terra?
- O que achas que um extra-terrestre pensaria se visse as pessoas a lutarem e a serem más umas para as outras?
- O que é mais importante: as diferenças entre as roupas, os costumes e os feitios dos corpos ou as suas semelhanças? Porquê?

Escolhas:

- Coloque um cesto de papéis de “pernas-para-o-ar” e em cima de uma secretária. Explique que ele é um extra-terrestre que veio de outra parte do universo e que tem curiosidade em saber coisas sobre as formas de vida locais e, especialmente, daqueles estranhos seres que se chamam a eles mesmos, e em tantas línguas diferentes, “pessoas”. Peça aos alunos sugestões que possam ajudar o extra-terrestre a identificar um ser “humano”, onde quer que ele o encontre nas suas diferentes viagens.
- A turma poderia também escrever e interpretar uma peça sobre um extra-terrestre que visita a Terra e não consegue reconhecer as diferenças entre pessoas que são altas / baixas, gordas / magras, negras / brancas...
- Finalmente também se poderia fazer na sala de aula uma exposição que agrupasse diferentes tipos de pernas, braços e faces humanas, bem como roupas, alimentos, etc... As imagens poderão ser retiradas de jornais ou revistas.

O Rapaz com Dois Olhos

Objectivo: Esta pequena história dá às crianças uma imagem positiva da “diferença”.

Pontos de aprendizagem:

- As pessoas com incapacidades têm o direitos de ser tratadas do mesmo modo que todas as outras.

O que é preciso: A Versão Simplificada da Convenção dos Direitos da Criança (página 166).

Tempo: Cerca de uma hora.

Como fazê-lo:

- Conte às crianças a história abaixo. Depois faça-lhes as questões que se seguem.

Longe, longe, lá no espaço há um planeta igualzinho à Terra. As pessoas que lá vivem são como nós, excepto numa coisa: eles só têm um olho. Mas é um olho muito especial. Com o seu olho único eles conseguem ver no escuro. Conseguem ver as coisas muito, muito longe, e conseguem ver através das paredes. Neste planeta as mulheres têm os bebés tal e qual como na Terra. Um dia nasceu uma criança muito estranha. Ele tinha dois olhos! A mãe e o pai ficaram muito preocupados.

O rapaz era uma criança feliz. Os pais gostavam dele e gostavam de tomar conta dele. Mas estavam preocupados por ele ser tão invulgar. Levaram-no a muitos médicos. Os médicos abanavam a cabeça e diziam “Nada pode ser feito.”

A medida que ia crescendo, o rapaz tinha cada vez mais problemas. Porque Não conseguia ver no escuro, tinha que andar sempre com uma luz. Quando foi para a escola, não conseguia ler tão bem como os outros. Os professores tinham que lhe dar mais atenção. Ele também não conseguia ver muito ao longe, por isso tinha que ter um telescópio especial. Só assim conseguia ver os outros planetas, tal como as outras pessoas. Às vezes quando caminhava sozinho de escola para casa, sentia-se muito só. “As outras crianças vêem coisas que eu não posso ver”, pensava ele. “Eu tenho que conseguir ver coisas que eles não vêem.”

Até que num belo dia ele descobriu que podia ver algo que mais ninguém podia. Ele não via a preto e branco, como todos os outros. Contou aos seus pais como via as coisas. Levou os pais para fora de casa e contou-lhes sobre a sua magnífica descoberta. Eles ficaram espantados! Os seus amigos ficaram igualmente surpresos. Ele contou-lhes histórias maravilhosas, e para isso usou palavras que nunca antes tinha usado... como vermelho e amarelo... e laranja. Ele falou-lhes de árvores verdes e de flores violeta. Toda a gente queria saber como ele via as coisas. Ele contou histórias maravilhosas sobre profundos mares azuis e ondas com espuma branca. As crianças adoravam ouvir as suas histórias sobre espantosos dragões. Ficavam maravilhados quando ele descrevia a sua pele, os seus olhos e o seu bafo de fogo.

Um dia conheceu uma rapariga. Eles apaixonaram-se. Ela não se importava que ele tivesse dois olhos, e ele também deixou de se importar com isso. Tinha-se tornado muito famoso. Vinham pessoas de todo o planeta para o ouvir falar. Mais tarde tiveram um filho. A criança era como todas as outras crianças do planeta. Tinha só um olho.”

Questões:

- Como achas que seria ter dois olhos num planeta onde as pessoas só tinham um olho?
- Que dificuldades achas que tinha o rapaz com os dois olhos? Porquê?
- Que outras diferenças podem as pessoas nas suas capacidades?
- Serias diferente se vivesses noutra sítio da Terra? Porquê? Como gostarias de ser tratado se fosses “diferente”?

Escolhas:

- Lê o artigo 23 da Versão Simplificada da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 166). Que tipo de “atenções especiais” podem as crianças com incapacidades necessitar? Se houvesse uma criança com incapacidades na tua turma, o que farias para a ajudar?
- Peça à turma para imaginar que vão para um país onde toda a gente tem um só olho. Diga-lhes para escreverem uma carta aos amigos, onde explicam como as pessoas com um só olho gostam de ser tratadas.
- Peça à turma para recriar a história de outra forma. Por exemplo: como uma peça ou como um quadro.

- As crianças poderiam também fazer um pequeno trabalho (ver página 30) onde estudariam uma incapacidade específica, aprendendo coisas sobre como vivem as pessoas com essa incapacidade, o que podem e não podem fazer, que ajuda ou equipamento especial precisam (se é que precisam de algum). Esta é uma belíssima oportunidade para as crianças conhecerem pessoas com incapacidades e desafiarem os preconceitos que eventualmente tenham relativamente a deficiências.

Quem, eu? – Actividades sobre a responsabilidade

Estas actividades são sobre as responsabilidades que temos uns relativamente aos outros. Elas apresentam às crianças a ideia de que é melhor tratar os outros da maneira como queremos que nos tratem a nós. Algumas das actividades melhoram as capacidades que as crianças têm de escutar. Todas elas ajudam a construir a confiança entre as crianças, de modo a criar na sala de aulas um ambiente de responsabilidade e respeito.

Estas actividades continuam na página 109, para crianças mais velhas.

Como é que te sentes?

Objectivo: Esta jogo rápido encoraja a sensibilidade pelos sentimentos dos outros.

Ponto de aprendizagem:

- A sensibilidade pelos sentimentos dos outros é a base para a protecção e o respeito pelos direitos dos outros.

O que é preciso: Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171).

Tempo: Meia hora.

Como fazê-lo:

- Duas crianças saem da sala.
- Enquanto elas estão fora, as outras crianças escolhem um sentimento para representarem quando elas regressarem. Por exemplo: alegria, fúria, desilusão, excitação, aborrecimento, solidão, etc.
- As duas crianças regressam e as outras agem de acordo com o sentimento escolhido. As duas crianças que saíram da sala têm que adivinhar o sentimento.
- Repita as vezes que achar apropriado.
- Faça as perguntas abaixo.

Questões:

Para as crianças que saíram da sala –

- Foi fácil adivinhar os sentimentos?
- Como é que adivinharam?

Para toda a turma –

- É boa ideia saber como as pessoas à tua volta se sentem? Porquê?
- Alguma vez te sentiste feliz quando todos os outros estavam tristes, ou triste quando todos os outros estavam contentes? Como é que foi?
- O que aconteceria se ninguém prestasse atenção aos sentimentos dos outros?

Escolhas:

- Veja o Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171) “As crianças têm o direito de permanecerem seguras, sem serem magoadas nem negligenciadas.” Como pode o “estar consciente dos sentimentos dos outros” ajudar a preencher este direito?
- Como trabalho (ver página 30) para as crianças mais velhas, trabalhe com elas com elas criando uma peça sobre uma situação onde estão envolvidos sentimentos diferentes (por exemplo: uma luta no recreio). Veja o conselho sobre o uso de peças na página 24.

Toca-me gentilmente

Objectivo: Este jogo rápido gera sentimentos de grupo positivos. (Nota: esta actividade resulta melhor com crianças pequenas. As crianças mais velhas e os adultos podem sentir-se relutantes relativamente a tocarem uns nos outros deste modo. É você quem deve decidir se esta actividade é apropriada para o seu grupo.)

Ponto de aprendizagem:

- “Faz aos outros o que gostarias que te fizessem a ti”. (Isto é: respeitar os direitos das outras pessoas encoraja-as para elas confiarem em ti e respeitarem os teus direitos).

O que é preciso: Sumário da Convenção dos Direitos da Criança (ver página 171).

Tempo: Vinte minutos.

Como fazê-lo:

- Diga às crianças para andarem em círculo.
- Peça-lhes para se sentarem com a cara virada para as costas da pessoa que fica à sua frente.
- Diga-lhes para imaginarem que a sua cor preferida está a ser deitada para os ombros da criança à sua frente.

- Explique um movimento simples e leve de massagem de ombros. Dê-lhes alguns minutos para cada um massajar a pessoa à sua frente.
- Todos se devem voltar a massajar a pessoa que os massajou a si anteriormente.
- Faça as perguntas abaixo.

Questões:

- Como te sentiste ao ser massajado?
- E se alguém tivesse sido pouco delicado ou bruto para ti? O que aconteceria quando te voltasses? Porquê?
- Como massajarias alguém que quisesses que fosse gentil para ti quando te virasses?
- Consegues pensar em exemplos destes na vida real?

Escolhas:

- Olhe para o Sumário da Convenção dos Direitos da Criança, na página 171. O que aconteceria se todos ignorássemos os direitos uns dos outros e fizéssemos aquilo que nos apetecesse? Que direitos ficariam afectados? Como? Gostarias de viver num mundo assim?
- Quando as crianças estão zangadas, diga-lhes para fazerem força com todos os seus músculos e para imaginarem que uma cor as está a cobrir de cabeça aos pés, fazendo os seus músculos relaxarem. Depois podem afastar-se da poça de cor que fica aos seus pés, sentindo-se já menos zangadas.

O bastão de falar

Objectivo: Esta actividade de partilha ajuda as crianças a desenvolverem capacidades de escuta e fala.

Ponto de aprendizagem:

- “As crianças têm o direito de expressar as suas opiniões e de se juntarem para exprimir os seus pontos de vista” (ver página 171).

O que é preciso: Sumário da Convenção dos Direitos da Criança (página 171). Um bastão ou pau, não muito grande e sem pontas bicudas.

Tempo: Pelo menos 10 minutos.

Como fazê-lo:

- Explique às crianças que o Povo Nativo Americano ou “Índios” tinham uma maneira de se ouvirem uns aos outros sem serem interrompidos. Usavam um bastão de falar. Quem tiver o bastão de falar tem o poder de falar e todos os outros têm o poder de ouvir. O bastão vai sendo passado pelo círculo. Quem não quiser falar, simplesmente passa o bastão. O bastão de falar pode ser usado de várias

maneiras. Por exemplo: para dizer notícias ou para dar opiniões. É uma boa maneira para pôr as crianças envergonhadas a falar com confiança e para persuadir as crianças mais dominadoras a respeitarem os direitos das outras.

- Uma boa maneira para começar é o professor pegar no bastão e, por exemplo, dizer uma coisa de que goste e depois passar o bastão à criança sentada ao seu lado. É uma maneira fácil de demonstrar às crianças como funciona o bastão de falar.
- Assegure-se de que não vai forçar as crianças a falar.
- Depois da actividade faça as perguntas abaixo.

Questões:

- Como foi falar / ouvir as outras pessoas a falar?
- Descobriste alguma coisa surpreendente ou nova?
- Gostas de ser interrompido?
- Qual é a vantagem de deixar alguém falar sem interrupções?

Escolhas?

- Quando acontecem lutas ou outros incidentes, estes podem ser utilizados para descobrir as opiniões da turma o que deve ser feito para resolver o conflito.
- Os adultos podem usar esta actividade do mesmo modo, por exemplo: para se conhecerem melhor uns aos outros.

As rimas que não rimam

Objectivo: Este jogo de rimas ajuda a desenvolver capacidades auditivas (ver também página 106).

Ponto de aprendizagem:

- Escutar bem ajuda-nos a respeitar os direitos dos outros.

Tempo: Meia hora.

Como fazê-lo:

- Diga uma quadra familiar às crianças, mas mude uma palavra.
- As crianças devem identificar a palavra errada e trocá-la pela correcta.
- Quando estiverem habituados, mude duas palavras.
- Faça-lhes as perguntas abaixo.

Questões:

- Quando estamos a ouvir com muita atenção, o que é que fazemos com as nossas mentes e os nossos corpos? (as crianças podem dizer: Inclinar para a frente, acenar com a cabeça, pensar no que se está a ouvir...)

- O que é que fazemos com as nossas mentes e com os nossos corpos quando não estamos a ouvir muito bem? (as crianças podem dizer: olhar para outro lado, não fazer perguntas....)
- Acham que se pode melhorar a maneira de ouvir praticando?
- Quais são as vantagens de ouvir com atenção? (Nas nossas famílias, na escola, na rua...)
- O que é que aconteceria se toda a gente no mundo deixasse de ouvir os outros?

Escolhas:

- Peça à turma para escrever uma história, uma peça, ou para fazer uma pintura sobre uma situação em que alguém não ouviu outra pessoa.
- Como trabalho (ver página 30) peça à turma que tome nota, durante um fim de semana, das vezes em que viram alguém não ouvir. Esta informação pode ser usada em exercícios básicos de matemática, isolando as situações parecidas, comparando-as, reduzindo tudo a percentagens, com o todo.

Confia em mim

Objectivo: Este excitante e activo jogo ajuda as crianças a compreender a importância da confiança e da cooperação.

Ponto de aprendizagem:

- A cooperação é importante para alcançar os direitos humanos.

O que é preciso: Sumário da Convenção dos Direitos da Criança (página 171). Vendas para metade das crianças.

Tempo: quarenta e cinco minutos.

Como fazê-lo:

- Peça às crianças para formarem pares.
- Ponha uma venda a uma criança de cada par.
- A outra criança do par é o "líder" e guia o seu parceiro vendado pela sala.
- Os "líderes" devem encontrar uma variedade de experiências (seguras!) para os seus parceiros. Por exemplo: pedir-lhes para identificarem os objectos pelo toque, deixá-los sozinhos por um momento, correr juntos num chão macio. Encoraje os "líderes" a usar a sua imaginação.
- Os pares trocam de papéis.
- Depois do jogo, dê tempo à turma para falarem sobre o jogo. Use as perguntas abaixo para iniciar a discussão.

Questões:

- Como foi ser o “cego” / o líder.
- Como é que comunicaste?
- Qual dos papéis preferiste? Porquê?
- Sentiste-te responsável quando foste o líder?
- Confiaste no líder?
- Porque é que a confiança é importante? (Nas famílias, na amizade, entre países...)

Escolhas:

- Escolha um dos direitos da página 171. Como poderia o mundo agir para assegurar que aquele direito foi feito para as crianças em qualquer lugar? (Por exemplo: o direito à comida e à bebida requer a confiança e a cooperação dos governos, dos que cultivam, dos que vendem, ...)
- Numa adaptação deste jogo, uma criança é um “barco” e as outras são “rochas”. As rochas sentam-se no chão com espaço entre si. O barco está vendado e terá de andar de um canto da sala (o mar) para o outro (a margem) sem embater em nenhuma rocha. Quando o barco se aproximar de uma rocha, a criança sentada terá de imitar o barulho das ondas a baterem nas rochas, para que o barco possa mudar de rumo. Quando o barco chega à margem, outra criança tornar-se-á o barco.
- A turma pode preparar e representar uma peça para toda a escola, sobre uma situação onde a cooperação previna um desastre.

Direitos pela Vida – Actividades sobre a universalidade dos direitos

Estas actividades ajudam as crianças a compreenderem que, tal como os nossos pensamentos, os nossos direitos são inalienáveis – ou seja, eles são nossos e ninguém nos poderá tirar. Elas também mostram como os direitos foram definidos e que são baseados em necessidades básicas de todos os seres humanos.

Estas actividades continuam na página 122, para crianças mais velhas.

Para que serve isto?

Objectivo: Este jogo de imaginação com coisas deitadas for a, ajuda a apresentar às crianças o conceito de direitos universais e inalienáveis. Também levanta questões sobre semelhanças e diferenças.

Ponto de aprendizagem:

- Todos temos qualidades “inalienáveis” e também direitos inalienáveis.

O que é preciso:

- Objectos desperdiçados por não terem utilidade aparente, recolhidos em casa ou na escola, tais como recipientes, pacotes, trapos...
- Sumário de Direitos da Convenção dos Direitos da Criança na página 171.

Tempo: Cerca de 20 minutos.

Como fazê-lo:

- Sentem-se em círculo.
- Um objecto deverá passar de mão-em-mão pela roda. Cada criança terá que sugerir um uso imaginário para esse objecto. Por exemplo: um pacote vazio pode ser um chapéu, um sapato, uma mala... Quem não tiver nenhuma ideia pode passar a sua vez.
- Encoraje sugestões imaginativas.
- Quando se esgotarem as ideias deve trocar-se o objecto.
- Faça as questões que se seguem.

Questões:

- O que é a imaginação? Quando é que a usamos? Para quê?
- Todos nascemos com imaginação. Ninguém nos pode tirar a nossa imaginação. Do mesmo modo, todos temos direitos, com os quais nascemos e que ninguém pode tirar. Os nossos direitos podem ser ignorados ou violados por outras pessoas, mas mesmo assim continuamos a tê-los, independentemente do sitio onde vivemos ou de quem somos – eles existem para toda a gente, tal como as nossas imaginações.

Escolhas:

- Esta actividade também é útil para o ensino das semelhanças e diferenças: todos temos cérebros, mas os nossos pensamentos e ideias por vezes são diferentes, outras vezes são semelhantes, mas nunca são iguais. Pode explorar esta ideia na aula perguntando à turma “o que é isto?” antes de passar o objecto. Toda a turma pode concordar que se trata de um trapo velho, mas depois os seus cérebros diferentes podem transformá-lo em cem coisas diferentes.
- Peça à turma para encontrar coisas e situações que as pessoas vejam de modo diferente. Por exemplo, por causa da sua altura, da sua visão, da sua distância do objecto, dos seus preconceitos, etc. As crianças podem, com as suas descobertas, fazer uma exposição ou um livro.

Um trabalho importante

Objectivo: Esta actividade ajuda a demonstrar que os documentos de direitos humanos são baseados em necessidades básicas de toda a gente.

Ponto de aprendizagem:

- Os direitos baseiam-se em necessidades semelhantes de pessoas diferentes.

O que é preciso: A Versão Simplificada da Convenção dos Direitos da Criança e o Sumário, da Quinta Parte deste manual. Escreva o sumário num pedaço grande de papel.

Tempo: Cerca de uma hora.

Como fazê-lo:

- Peça à turma para imaginar que as Nações Unidas (o parlamento das nações de todo o mundo) lhes pediram para fazer uma lista de todas as coisas que as crianças de qualquer parte do mundo precisam para serem felizes e saudáveis. Por exemplo: alimentação, divertimento, ar, amor...
- Escreva essas “necessidades”, sem as julgar, conforme elas vão sendo sugeridas.
- Quando não houver mais sugestões, peça à turma para identificar quais das suas sugestões são de facto necessidades e quais são mais “fúteis”. (Por exemplo: a

TV e os doces não são necessidades, encontram-se mais perto do fútil). Tentem identificar necessidades que sejam iguais para as crianças em todo o mundo.

- Agora mostre à turma o Sumário da Convenção dos Direitos da Criança. Explique que há alguns anos, uma lista semelhante foi feita pelas Nações Unidas, que mais tarde se tornou a Convenção. A Convenção lembra às nações do mundo as necessidades das suas crianças.
- Diga à turma para comparar a sua lista com o Sumário da Convenção. Que necessidades foram identificadas como direitos? Existem diferenças entre as duas listas? Porquê?
- Faça as perguntas abaixo.

Questões:

- Porque achas que as Nações Unidas pensaram que era importante fazer uma lista dos direitos das Crianças?
- Porque achas que a Convenção é uma lista de necessidades, e não de coisas dispensáveis?
- Achas que todas as crianças no teu país e no mundo todo têm esses direitos? Porque não?
- Olha para um ou dois direitos da Convenção. O que poderia acontecer que tirasse esses direitos a uma criança?
- O que achas que os líderes do teu país, os teus professores, país ou tu e os teus colegas de turma poderiam fazer para se assegurarem que todas as crianças no teu país têm garantidos os seus direitos?

Escolhas:

- Mande a turma fazer um círculo. Todas as crianças, mas uma de cada vez, agirá de acordo com um dos itens da sua lista. Por exemplo: podem fingir que vestem algumas roupas, que estão a comer uma refeição, que estão a abraçar um amigo, a jogar um jogo, a escrever uma carta, ou podem fingir um sentimento como felicidade ou liberdade. Dê de novo a volta ao círculo. A primeira criança representará a sua acção, e continua a fazê-lo enquanto a segunda criança representa o que lhe estava destinado. Este jogo continuará até toda a turma, mais o professor, estarem a representar ao mesmo tempo.
- As crianças também podem representar uma peça para os pais, que comece com as "necessidades" e acabe com as "futilidades".

Pessoas grandes – pessoas pequenas

Objectivo: Esta actividade de entrevistas tenta ajudar as crianças a relacionarem os direitos humanos com o ambiente onde vivem e mostrar que o reconhecimento dos direitos humanos tem sido gradual.

Ponto de aprendizagem:

- A codificação dos direitos humanos tem sido praticada desde meados do século XX, mas os direitos propriamente ditos existem, têm sido violados, as pessoas têm lutado por eles e eles foram sendo gradualmente alcançados através da história.

O que é preciso:

- Sumário da Convenção dos Direitos da Criança, na página 171.

Tempo: Três lições, espalhadas ao longo de várias semanas.

Como fazê-lo:

- Explique à turma que os documentos de direitos humanos, como por exemplo a Convenção dos Direitos da Criança são fruto de desenvolvimentos recentes, e que, no passado, muitos dos direitos humanos da Convenção não eram possíveis para todas as crianças. Explique que, em muitos países modernos, isto ainda acontece.
- Com as crianças, faça uma espécie de lista de pessoas da localidade que possam responder à seguinte pergunta: “as vidas das crianças na nossa cidade têm vindo a melhorar ao longo do último século?”. Por exemplo: os avós das crianças. Uma lista de cerca de quatro pessoas seria o ideal.
- Peça à turma para escrever a essas pessoas para as convidar e vir à escola para serem entrevistadas. (De início é mais fácil se os entrevistados vierem à sala de aulas).
- Lembre-se de perguntar aos entrevistados que escrevam curtos textos sobre os seus conhecimentos do assunto. Estes podem ser lidos e discutidos pelas crianças antes das entrevistas, para que as questões possam ser preparadas com tempo. Quando prepararem as perguntas, as crianças devem pensar “o que é que queremos aprender?”. Por exemplo, se algum entrevistado declarar que trabalhou enquanto criança, em vez de ir à escola, as crianças podem planejar fazer perguntas sobre as suas memórias, sobre um acontecimento em particular, sobre como ele se sentiu, quando aconteceu, como e porquê, quem lá estava, etc.
- Quando os entrevistados chegarem sente-os onde toda a turma os possa ver.
- Uma de cada vez, as crianças poderão começar a fazer as suas perguntas. Deixe a entrevista desenvolver-se naturalmente – tente não fazer interrupções desnecessárias.
- Registe as respostas, por escrito ou em cassete.
- Se mais do que um entrevistado estiver presente, peça-lhes para discutirem as perguntas, em vez de as responderem individualmente. Isto pode tornar a sessão bem mais animada!
- Depois das entrevistas, peça à turma para as comparar com o Sumário da Convenção dos Direitos da Criança. Faça-lhes as seguintes questões:

Questões.

- Achas que os direitos das crianças eram respeitados no passado?
- Que direitos eram mais ignorados? Porquê?
- Gostarias de ter vivido nesse tempo?
- As coisas melhoraram para as crianças? Ou pioraram? Porquê?

Escolhas:

- As crianças mais velhas também podem entrevistar as pessoas nas suas casas.
- Use jornais para descobrir que direitos das crianças de outras partes do mundo são ignorados ou protegidos.
- Peça à turma para fazer uma peça (ver página 30), poemas, histórias ou trabalhos artísticos que comparem a vida das crianças no passado e no presente.
- A literatura nacional pode ser uma boa fonte de histórias sobre como era a vida das crianças no passado.
- As crianças também poderiam escrever uma peça sobre a conquista dos direitos das crianças e representá-la num festival local.

O jogo do calendário

Objectivo: Esta actividade com fotografias ajuda a explicar de que modo os direitos estão ligados. Pode ser usado com crianças, adolescentes e adultos.

Pontos de aprendizagem:

- Os direitos são "universais" (toda a gente os tem).
- Os direitos são "indivisíveis" (não pode gozar alguns direitos enquanto nega os outros).

O que é preciso:

- Cerca de 12 fotografias, ou outras imagens com qualidade, de pessoas de todo o mundo, no máximo de situações diferentes que conseguir arranjar. Calendários, jornais e revistas são boas fontes destas imagens.
- Versão Simplificada da Declaração Universal dos Direitos Humanos, na página 163.

Tempo: Cerca de 30 minutos.

Como fazê-lo:

- Espalhe as imagens pelo chão ou numa mesa de modo a que todos possam vê-las.
- Peça às crianças (a toda a turma) para escolherem as três imagens que mais gostarem. Isto levará alguns momentos.
- Separe as três imagens escolhidas das restantes, que devem ser guardadas para não distraírem as crianças.

- Coloque uma das três fotografias escolhidas num local onde todos possam vê-la. Faça às crianças as questões mais abaixo para despertar as suas imaginações. Esteja aberto a todas as sugestões!
- Repita este exercício de imaginação para as outras duas fotografias escolhidas.
- Agora volte à primeira imagem. Pergunte às crianças: “Que direito ou direitos ahas que esta imagem representa?” (se os participantes forem muito novos ou não estiverem familiarizados com os direitos humanos, permita que eles consultem a Versão Simplificada da Declaração Universal dos Direitos Humanos na página 163).
- Repita esta questão para as outras duas imagens.
- Espalhe de novo todas as imagens. Pergunte às crianças: “Então e estas? Que direito ou direitos respresenta cada uma delas?” Use esta oportunidade para explicar que todos os direitos são “universais” (toda a gente os tem).
- Agora peça às crianças para tentarem separar as imagens em montinhos diferentes, correspondendo cada monte a um ponto da Versão Simplificada da Daclaração Universal dos Direitos Humanos, na página 163. Rapidamente as crianças perceberão que esta tarefa é impossível, todos os direitos estão ligados, por isso uma imagem representará sempre vários direitos ao mesmo tempo. Use esta oportunidade para explicar que os direitos são indivisíveis (não se pode gozar uns direitos e negar os outros).

Questões:

- Onde achas que esta fotografia foi tirada?
- O que achas que está a acontecer?
- Que altura do dia é?
- Há alguma ligação entre estas pessoas?
- São ricas / pobres, felizes / tristes?
- Para onde estão a olhar / o que estão a fazer / dizer?
- Para onde vão? De onde vêm?
- Conhecem o fotógrafo?
- O que acham dele / dela?

Escolhas:

- Se as fotografias usadas têm crianças, esta actividade pode ser usada com o Sumário de Direitos da convenção dos Direitos da Criança. (Ver página 171).
- As crianças podem também recolher o maior número de fotografias possível de pessoas de todo o mundo e fazer com elas uma exposição na sala de aulas ou no jardim escola.

O que é justo? – actividades sobre a justiça.

“Não é justo...” A justiça é algo que todos pensamos poder julgar. Reconhecemos imediatamente o que não é justo e facilmente podemos dar resposta à pergunta “Porque é que isso não é justo?”

Justiça significa honestidade, dar as mesmas hipóteses e o mesmo tratamento a todas as pessoas, de acordo com as regras, se as houver. Um exemplo simples é fazer uma corrida; a corrida só é justa se as regras forem iguais para todos. É justo se todos começarmos ao mesmo tempo, corrermos a mesma distância, tivermos todos a mesma idade e as mesmas capacidades.

A vida seria justa se todos tivéssemos chances iguais: se todos tivéssemos comida suficiente e água limpa para beber; se todos pudessemos ir à escola; se todos fossemos tratados igualmente, independentemente da nossa cor, sexo ou religião; se todos pudessemos votar com liberdade. Aqui estão alguns exemplos que mostram o que é a justiça. Se as crianças compreenderem a importância da justiça nas suas próprias vidas, mais facilmente entenderão a necessidade da justiça no mundo.

Estas actividades continuam para crianças mais velhas na página 131.

O jogo dos nomes

Objectivo: Este jogo possibilita a receberem conhecimento a e concedê-lo aos outros.

Pontos de aprendizagem:

- Todos temos direito a um nome.
- Todos beneficiam com a justiça.

O que é preciso: A Versão Simplificada da Convenção dos Direitos da Criança, na página 166 (especialmente o artigo 7). Bola de esponja ou uma almofada.

Como fazê-lo:

- As crianças sentam-se no chão formando um círculo.
- Uma criança atira a bola a outra, chamando o nome de quem a deve apanhar. Se o nome estiver correcto, o que apanhou torna-se no que irá amandar a bola, e atira a bola para outra criança,